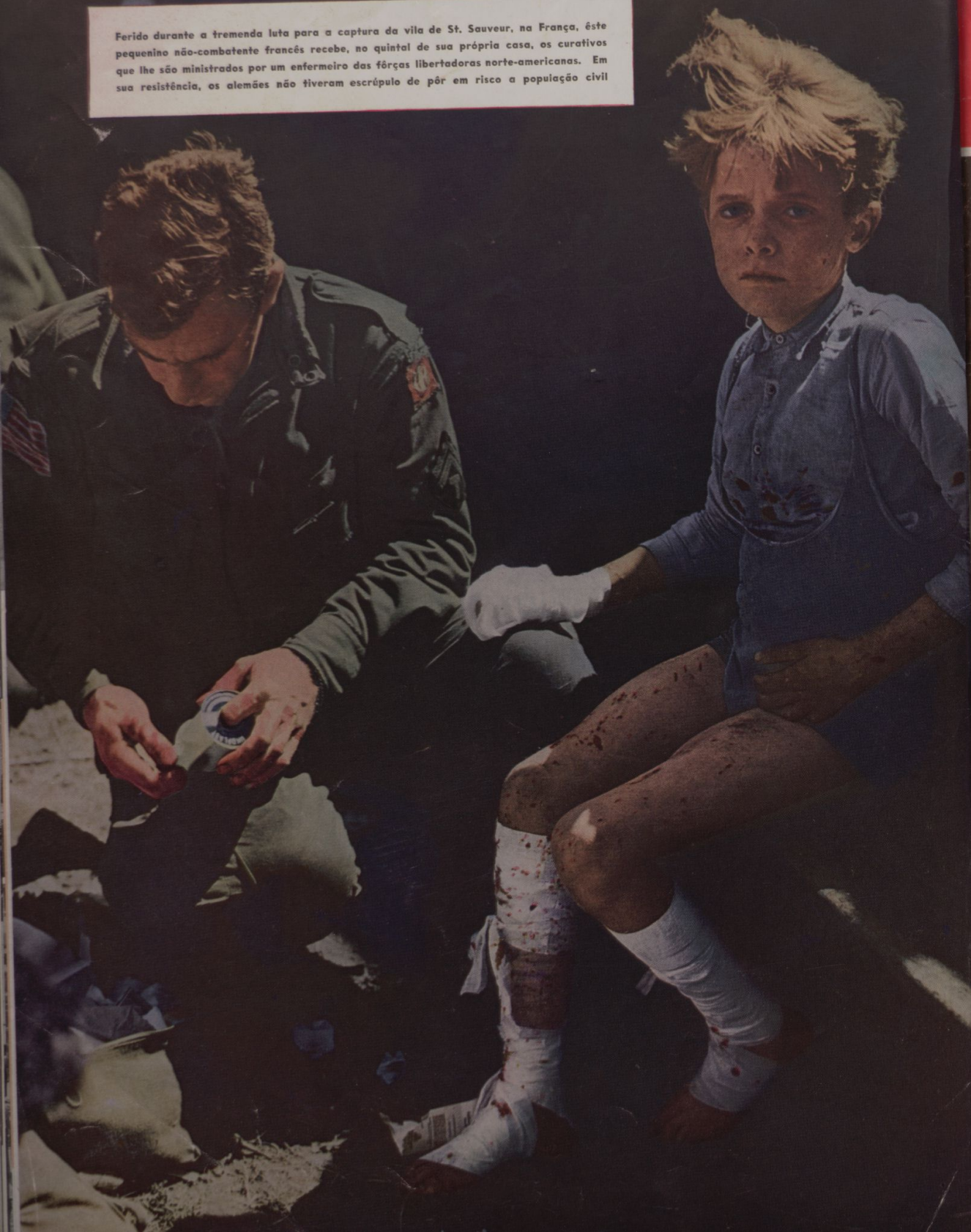


Ferido durante a tremenda luta para a captura da vila de St. Sauveur, na França, este pequenino não-combatente francês recebe, no quintal de sua própria casa, os curativos que lhe são ministrados por um enfermeiro das forças libertadoras norte-americanas. Em sua resistência, os alemães não tiveram escrúpulo de pôr em risco a população civil



EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 3



O PRESIDENTE ROOSEVELT



Vista do Capitólio, em Washington. Aí se reúne e pondera o Congresso Nacional sobre os problemas da guerra e os planos da paz

A PRESIDÊNCIA

FRANKLIN D. ROOSEVELT, criador da política de Boa Vizinhança e de longa data uma voz autorizada de advertência contra a ameaça de agressão do Eixo contra os povos deste hemisfério, recebeu para o seu quarto período presidencial um expressivo mandato popular que o autoriza a prosseguir com a ativa participação e liderança dos Estados Unidos em assuntos internacionais. Em nenhuma outra eleição na história da república revelou-se o povo tão conciente da interdependência de todas as nações como nesta seleção de tempo de guerra, em 1944, de um presidente destinado a guiar a nação através de uma jornada crucial cuja meta é uma paz justa e duradoura. O renovado Congresso eleito para cooperar com o Presidente Roosevelt no seu governo, a começar em 20 de janeiro próximo, reflete igualmente a vontade do povo de colaborar com todas as nações pacíficas na obra a bem de uma paz consolidada e de um mundo melhor para toda a humanidade.

O Presidente Roosevelt, nas tarefas que o defrontam, dispõe do íntimo conhecimento de problemas internacionais, em contato adquirido através de 12 anos de presidência que abrangem um dos períodos de maiores perturbações econômicas e bélicas do mundo. A despeito de seus incansáveis esforços pela paz, foi sua a inevitável tarefa de conduzir a nação pelos escolhos de gigantesca conflagração que representa a sobrevivência contra os atentados da Alemanha e do Japão para dominarem o mundo. O Presidente Roosevelt é responsável, em última análise, pela completa direção da parte que cabe aos Estados Unidos para ganhar a guerra. Ele é o comandante-em-chefe das forças armadas da nação. Sua autoridade é extensiva até mesmo às considerações finais dos planos das próprias campanhas militares. No país, dispõe de largos poderes de emergência, desnecessários em tempos normais.

A despeito das fadigas resultantes de serviços prestados à nação por período mais longo do que o de qualquer dos seus trinta predecessores,

A AÇÃO DO PRESIDENTE FRANKLIN D. ROOSEVELT E AS GRANDES TAREFAS MUNDIAIS QUE O AGUARDAM

o Sr. Roosevelt entra no quarto quadriênio denotando apenas sulcos mais acentuados na sua fisionomia, demonstrativos da seriedade dos problemas passados, presentes e futuros. Seu estado de saúde continua excelente; sua vivacidade de espírito revela-se com as mesmas características de firmeza e tenacidade. Conquanto de natureza ponderada e solene, sabe dar-se

ao repouso, ao sorriso, mesmo à hilaridade e ao chiste com amigos nas horas mais adversas. Conduziu-se esplendidamente numa vigorosa campanha eleitoral que o pôs em íntimo contato com o povo em vários pontos do país.

De atividade constante, os dias de trabalho do presidente são longas horas repletas de conferências com os membros do seu gabinete, com os chefes militares, com os diretores da produção, líderes do Congresso, simples concidadãos e com os representantes da imprensa.

Esta extenuante rotina diária é, naturalmente, causada pela guerra. Todavia, mesmo anos antes do ataque japonês de Pearl Harbor, já o presidente tinha tomado a si vários encargos extraordinários, por antever o imenso perigo que, resultante do conflito, se aproximava procedente das bandas do oriente e do ocidente.

Em junho de 1940, como medida defensiva, os Estados Unidos começaram a fornecer, através de empréstimos e arrendamentos, material bélico às forças que, além-mar, resistiam à agressão do Eixo. Entremetidos, por ordem do presidente, a nação transformava-se gradativamente em arsenal da democracia. O princípio fundamental em que se firmava todo esse esforço foi exposto pelo Sr. Roosevelt naquele período de intensa preparação:

"E" para defender a honra, a liberdade, os direitos, interesses e o bem-estar do povo americano. Não procuramos lucrar a custo dos outros. Não ameaçamos a ninguém, nem toleramos que ninguém nos ameace. Nação alguma é mais dedicada aos processos pacíficos; nenhuma é fundamental-

(Continúa)

O Presidente Roosevelt ante o túmulo do Soldado Desconhecido, no cemitério nacional de Arlington, em Washington, no dia 11 de novembro. Vêem-se, da esq. para a dir.: James Forrestal, Secretário da Marinha, Henry L. Stimson, Secretário da Guerra, Gen. de Div. E. M. Watson e Almirante W. Brown, assistente naval



EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 4, Número 2. Copyright 1944 by Business Publishers International Corporation—Propriedade literária registrada em 1944 pela Business Publishers International Corporation.



Franklin D. Roosevelt, o primeiro Presidente dos EE. UU. a ser reeleito para quatro períodos. Vêmo-lo em sua residência, em Hyde Park, no dia da eleição

mente mais poderosa para resistir à agressão." Quando chegou a guerra, apesar dos extraordinários esforços do presidente — primeiro para sustá-la, depois para mantê-la à distância do nosso hemisfério — encontrou as Américas mais unidas do que nunca, prontas para contribuir com os materiais vitais necessários para as armas e equipamento bélico. Depois de alcançada a vitória na guerra surgirá, entretanto, o problema de alcançar aquilo que a humanidade nunca antes pôde conseguir: uma paz duradoura.

Definindo atitudes

O povo norte-americano reconhece profundamente a parte que lhe cabe nos erros e omissões do passado. Nada lhe poderia trazer esse fato à memória com maior constância que a própria guerra — que já cobriu de luto milhares de famílias americanas. Desde o mais humilde cidadão até o próprio presidente, cujos quatro filhos estão servindo nas forças armadas, os norte-americanos reconhecem que, desta vez, as nações amantes da paz terão que assumir uma atitude ativa para dominar as forças da agressão. Mas quais são as "forças da agressão?" Para o povo americano são primordialmente as nações do Eixo. Ainda permanece viva na lembrança de todos a dupla ameaça — pela África e pelo Pacífico — que Berlim e Tóquio visavam contra o hemisfério ocidental há três anos apenas. Em recente mensagem dirigida ao Congresso, Franklin Roosevelt definiu claramente a situação: "Não poderemos afirmar que ganhamos a vi-

tória total nesta guerra se for permitida a sobrevivência do menor vestígio de fascismo em qualquer de suas degradantes formas em parte alguma do mundo."

O povo dos Estados Unidos reconhece, conforme já se expressou o seu presidente, "o direito de toda nação de escolher a sua própria forma de governo." Desta afirmação, porém, se exclui o fascismo com suas doutrinas de exagerado nacionalismo, de ódios raciais e, finalmente, de conquista militar. A oposição se define contra a implantação, em qualquer parte do mundo, das tiranias como as que se radicaram nas nações do Eixo e destruíram a paz universal.

A ação futura

Após o retorno da paz ao mundo, o povo dos EE.UU. projeta não a revogação mas o fortalecimento de suas ligações de cooperação internacional. Sobre este ponto, o presidente também se externou clara e decisivamente: "Para nos tornarmos todos garantidos contra qualquer agressão futura e abrir caminho para a promoção de um maior bem-estar das nações e dos povos em toda parte, teremos que manter durante a paz futura os benefícios mútuos da cooperação que alcançamos durante a guerra."

A mesma determinação foi expressa pelo Senado, em suas atribuições essenciais de par com o presidente para determinar importantes aspectos das relações exteriores. Quando os EE.UU. eram ainda uma nação em formação,

de pioneiros, lutando pela sua subsistência, concentravam-se às vezes em seus próprios interesses e problemas, alheando-se às tendências e diretrizes que se agitavam fora de suas fronteiras. Mas no mundo interdependente de hoje, tal distinção não mais existe. Um novo espírito, medrado na própria nação há muitas décadas, foi simbolizado pelo Sr. Roosevelt, em 1933, por ocasião do seu primeiro discurso inaugural: "No terreno da política internacional," disse então, "dedicarei nossa pátria aos princípios da política de boa vizinhança — do vizinho que resolutamente respeita-se a si mesmo e por isto respeita os direitos alheios — o vizinho que preza as suas obrigações e honra a santidade dos seus acordos num mundo de vizinhos."

Os bons vizinhos

De novo, poucas semanas depois, durante a comemoração do Dia Panamericano, o presidente declarou perante a Junta Diretora da União Panamericana, reunida em sessão especial, que "nunca antes havia sido a significação de *bom vizinho* tão manifesta nas relações internacionais. Nunca, como agora, tinham se mostrado tão evidentes as necessidades e os benefícios da cooperação de vizinhos em todas as formas da atividade humana." Essa expressiva política de cooperação foi desde então continuamente fortalecida, resultando em medidas cooperativas de defesa nas conferências interamericanas do Panamá, em 1939, de Havana, em 1940, e do Rio de Janeiro, mais recente, realizada em 1942.

Os benefícios decorrentes dessa solidariedade do hemisfério, para todas as nações da América, têm sido constatados exuberantemente no decorrer destes anos de guerra.

Os acordos comerciais recíprocos, que constituem parte fundamental do programa do governo em suas relações econômicas exteriores, foram consolidados com várias nações americanas e de outras partes do mundo. Esta escla-recida política promoveu a redução de tarifas, e estimulou o intercâmbio comercial, produzindo excelentes resultados para os Estados Unidos e suas nações vizinhas.

Além de atender aos prementes problemas internacionais, o presidente tem se preocupado marcadamente com os assuntos de caráter interno.

Sua primeira tarefa administrativa, ao assumir o governo, em 1933, foi safar a nação das complicações da crise econômica e animar a execução de um vasto programa de legislação social cuja razão de ser não era mais que pôr em prática, racionalmente, uma das verdadeiras aspirações de todos os bons patriotas — melhorar as condições de vida para o povo em geral e garantir maior estabilidade econômica individual através dos benefícios do seguro contra o desemprego e das pensões aos idosos.

A reconversão industrial

Dentre os urgentíssimos problemas causados pelo rompimento das hostilidades nenhum excede a complexidade do de reconverter futuramente a colossal indústria bélica da nação em trabalho produtivo de ordem pacífica, assegurando emprego para um total de sessenta milhões de pessoas nos Estados Unidos, incluindo-se os membros das forças armadas que forem desmobilizados depois da cessação do conflito.

Aludindo ao problema com perfeita antevisão da sua seriedade, o Presidente Roosevelt afirmou: "O que aspiram os nossos combatentes e as milhares de mulheres que se encontram nos serviços auxiliares das forças armadas da na-

ção, é a garantia de trabalho satisfatório quando retornarem à vida civil. Não podemos contemplar qualquer ação nesse sentido contentando-nos com os níveis de vida anteriores à guerra. Nossa meta, depois da guerra, deve ser a franca utilização de todos os nossos recursos humanos e materiais."

A obra máxima

Grandes conquistas de caráter social, sem precedentes na história dos Estados Unidos, foram alcançadas durante o governo do Sr. Roosevelt. E seus esforços continuam a se realçar pelo inconfundível espírito de progresso que o anima a seguir na mesma direção, colhendo inda maiores frutos, não somente para os seus próprios con-cidadãos como para todos os povos do mundo. Para atingir tais resultados faz-se mister, naturalmente, tanto as medidas de caráter prático como um perfeito senso de idealismo. Foi avaliando a indispensabilidade desses requisitos primordiais que o Presidente Roosevelt apelou recentemente para "uma colaboração universal visando garantias para todos, estabelecendo melhores condições de trabalho e reajustando a situação econômica, fator da segurança social."

Reafirmando seu ponto de vista, acentuou: "Paire no ar o desejo de realizar uma grande aspiração. Não se trata de tornar aos velhos *bons tempos*. Quanto a mim, considero com certas reservas as vantagens daqueles *bons tempos*. Prefiro tentarmos novos e melhores tempos. Ganhar a guerra, só por si, já é prova de que a ação conjunta produz resultado. Não resta dúvida que poderemos avançar consideravelmente no caminho para libertar o mundo da pressão da necessidade. E pela ação conjunta também poderemos subjugar os perturbadores da paz. Mantendo-os sob constante vigilância, ficaremos também livres do receio da violência. Prefiro, pois, construir a destruição, sempre confiante de que a estrutura da vida está se desenvolvendo continuamente — e não desaparecendo."



Num aeroplano, com rumo à Sicília, o Presidente Roosevelt palestra com o Gen. Dwight Eisenhower



O Vice-Presidente Harry S. Truman. Em baixo: O Senador Alben Barkley, líder da maioria do Senado, e Sam Rayburn, Presidente da Câmara dos Representantes, em palestra com os jornalistas





Um soldado norte-americano, esgotado pelos dias de luta, descansa um pouco antes de voltar ao "front" com um grupo conduzindo munições e cobertores

O INVERNO NA FRENTE OCIDENTAL



A proteção das localidades recém-ocupadas é apenas metade da batalha. É igualmente difícil combater o frio, a constante umidade e as frequentes nevadas

AS DIFICULDADES QUE O FRIO, A NEVE, A CHUVA E A LAMA CAUSAM ÀS OPERAÇÕES MILITARES

MAIS uma vez o inverno estende o seu manto gélido sobre os campos de batalha na Europa, dificultando as operações militares desde a área do Mar do Norte até o Adriático, e causando contínuo sofrimento e obstáculos a milhões de combatentes e às populações civis.

Para os aliados, a temporada do inverno significa mais um sério retardo no caminho da vitória. Para os nazistas, o advento do frio intenso veio encontrar seus exércitos recuados quase para o seu ponto de partida, há mais de cinco anos, depois de causarem danos materiais incalculáveis e a perda de milhões de vidas.

Chuva, gelo, neve e lama são agora a norma na gigantesca frente de batalha que se alonga da Suíça à Holanda, e a leste e a sudoeste, assim como na área próxima à fronteira italiana, ao norte. O frio rigoroso flagela combatentes e civis, estes sofrendo mais uma vez os desconfortos da falta de calefação, em consequência da guerra.

Esse é o cenário trágico da luta na Europa prolongada por mais um inverno pelo fanatismo dos líderes nazistas, indiferentes ao espetáculo de morte e destruição que os cerca, num esforço extremo para salvarem a sua própria vida. Seu propósito é manter em linha uma população civil desesperada, servindo-se para tanto dos temíveis processos da Gestapo, empregados sem constrangimento algum ao menor sinal de fraqueza. Nas frentes de combate, os comandantes alemães estão com ordem expressa de fuzilar todo soldado que preferir render-se a lutar e morrer pelo território que defende.

Está assim a tenacidade nazista frente a frente com a determinação dos aliados de recrudescer o ataque tanto quanto lhes permitirem os rigores

(Continúa)

Como se a neve e o frio não fossem bastantes, há sempre as chuvas contínuas e o subsequente lamaçal que sobrecarregam o esforço dos combatentes, dia e noite



da estação invernos. No delta do Reno, na Holanda, um exército canadense prossegue vagarosa mas resolutamente, na sua avançada. No sector que lhe fica ao sul, os ingleses lutam encarnadamente no rio Maas, tendo o seu flanco direito ligado a dois exércitos dos Estados Unidos, cujo objetivo é Colônia e as cidades industriais do vale do Rur. Outro poderoso exército norte-americano penetrou no rico vale do Saar e nas defesas fixas da linha Siegfried. Forças adicionais dos Estados Unidos avançaram ao norte e ao sul de Strasbourg, ao longo do rio Reno, antes de se reunirem à vanguarda de um exército francês que aumenta dia a dia a sua pressão pelo Vosges, em direção ao Reno.

O rápido avanço feito desde que os aliados voltaram à França, há mais de seis meses, transforma-se agora em campanha de inverno, tendo como principal objetivo as planícies da Colônia e as regiões mineiras e manufatureiras do Saar. Durante várias semanas esse sector tinha sido atingido por tremendas cargas de explosivos, cujas consequências são atestadas pelos inúmeros edifícios em ruínas e pela devastação das florestas. A infantaria, avançando decididamente sob a proteção desse intenso fogo de barragem, pôde dominar numerosas estradas, pontes e pequenos cursos d'água.

Nas outras frentes

Na frente oriental, a entrada do inverno encontrou os russos atacando com forças superiores a longa frente de batalha mantida a custo pelos nazistas. Era um ataque sistemático em pontos alternados, ao longo do Danúbio, ao sul de Budapeste, ou perto da fronteira da Iugoslávia. As forças blindadas soviéticas prosseguiram através da Hungria ocidental, em direção à fronteira austríaca, começando a encerrar Budapeste num círculo de ferro e fogo.

Ao norte da Itália, forças brasileiras, norte-americanas, canadenses, britânicas, australianas, indianas, polonesas e italianas continuavam firmemente rompendo a resistência do inimigo numa área montanhosa das mais inacessíveis, onde o frio e os rios transbordantes criavam todos os embaraços, ajudando, assim, indiretamente a defesa dos nazistas.

A luta em condições de tempo tão desfavoráveis, com todos os inconvenientes da chuva, da neve, da lama e do frio intenso, há-de aumentar as baixas das forças aliadas durante o inverno. A maior responsabilidade nesse período da guerra cabe ao soldado a pé, vítima de constante umidade. As más condições do tempo freqüentemente impedem a ação aérea e as observações da artilharia. Quando desprovido do apoio da aviação (dos aviões de caça e dos bombardeiros), e sem o auxílio do fogo certo da artilharia para reduzir a resistência do inimigo, o soldado de infantaria tem que arcar com o esforço de romper as concentrações de tanques do



Um dos mais democratas de todos os generais, Dwight D. Eisenhower, comandante aliado, visita constantemente as linhas de fogo para animar seus soldados

Um grupo de alemães vencidos segue o chefe, com uma bandeira branca de trégua, para entregar-se às tropas dos EE. UU. "em certo lugar na Alemanha"



adversário e fazer frente aos seus contra-ataques. Todas as forças combatentes, aéreas ou não, dependem também das linhas vitais de abastecimentos, linhas que se alongam das lamacentas frentes de combate até os frígidos portos de mar e através de mares batidos pelo inverno até as indústrias de guerra nos Estados Unidos.

As estradas poeirentas mas firmes pelas quais numeroso material bélico foi transportado, durante o último verão, são agora vias de tráfego perigoso, escorregadias, cobertas de lama, situação que se agrava com as constantes chuvas e nevadas. Caminhões que derrapam contra as margens da estrada, ficam às vezes incapacitados de prosseguir durante muitas horas. Mais próximo da linha de frente, a tropa carrega seus abastecimentos nas costas, patinando na lama pelos joelhos. No mar, os frígidos vendavais dificultam a navegação e a descarga nos portos.

E' assim, pois, que o inverno aumenta os obstáculos enfrentados pelos exércitos que se batem para derrotar a Alemanha, antes de vir mais outra estação invernos. Causa maiores sofrimentos aos soldados que se abrigam nas trincheiras, sob o contínuo fogo da artilharia inimiga; aos artilheiros, que se esforçam para evitar que as peças se atolem completamente na lama; aos aviadores cujos riscos se multiplicam quando são obrigados a voar em más condições atmosféricas para atacar objetivos vitais, depósitos de gasolina, depósitos de munições, concentrações de tanques, etc.

A situação civil

A resistência alemã, ainda considerável, está trazendo também sofrimentos sem conta a milhões de crianças, de mulheres e anciãos em quase toda a Europa, onde subsiste a falta de vestuário e de abrigos, assim como os elementos mais essenciais à subsistência, sobretudo nos meses de inverno. A cidade alemã de Aachen (a histórica Aix-la-Chapelle) é um exemplo da atitude nazista. Depois de resistir até ser a cidade transformada em ruínas, a guarnição alemã fugiu, abandonando os habitantes à sua própria sorte, sem recursos, sem água, sem luz e sem nenhum combustível. O tenente Arthur S. Gilder, ex-gerente de uma grande empresa fabricante de roupas feitas dos Estados Unidos, e servindo a cargo dos abastecimentos civis, em Aachen, mandou arrecadar tudo quanto pôde, dos escombros da cidade, recolhendo a um depósito para ser racionado entre a população.

John M. Cassels, assistente do diretor da distribuição de gêneros alimentícios da Administração de Economia Estrangeira, informou em seu relatório sobre a situação alimentar na Europa, que, em geral, as populações estão em situação precária, condição que se agrava com a "dificuldade de transportes." Consoante suas observações pessoais, a Grécia, parte da Bélgica e a Polónia são os países que se encontram em piores condições. Quanto à Alemanha, "seus abastecimentos ainda são suficientes."

Quando arrefessem as rigores do inverno na frente ocidental: os tanques, apolados pela aviação, recrudescem o ataque tomando o inimigo de surpresa





As belas canções dos velhos tempos continuam sempre populares entre vaqueiros e guardas das florestas, quer estejam eles nas planícies do oeste ou nas montanhas

Soldados americanos a bordo de um transporte que os conduz às frentes de batalha cantando suas canções prediletas, acompanhadas de harmônica e violão



ASCANÇÕES DO POVO

As canções do povo são aquelas que o trabalhador do campo murmura enquanto lavra a terra; são as canções que o vaqueiro solitário compõe em frente à fogueira, quando repousa à noite; são as canções do soldado no campo de batalha, e as canções da mãe carinhosa para o filhinho.

Muitas dessas canções têm conservado a sua popularidade de geração em geração. Seus autores as compuseram procurando expressar sentimentos ou crenças, ou para emprestar ritmo ao seu trabalho ou animar os batalhadores na causa da liberdade. Mas não pertencem a ninguém; são do lavrador, do vaqueiro, do soldado, de todos, enfim, que as entoam e delas conservam expressivas memórias.

Tais canções têm sempre sido populares nos Estados Unidos e, hoje, em salões de concertos, em programas de rádio e nas gravações que servem de música de fundo para as fitas cinematográficas, o público está ouvindo as canções que marinheiros, lenhadores, lavradores e tantos outros têm cantado há muitos anos.

Seis importantes rádio-emissoras norte-americanas, pelo menos, apresentam programas semanais de cantos populares. Vários grupos corais estão em bem sucedida excursão pelo país, dando concertos de autênticos cantos que eles aprenderam em alguns dos mais remotos logarejos da nação. Em numerosos festivais desse gênero, realizados anualmente, no país inteiro, todos em cada comunidade tomam parte ativa no programa que começa ao amanhecer e só termina quando "todos ficam cansados."

Um desses festivais foi organizado em Raleigh, capital do Estado de Carolina do Norte. Famílias procedentes das mais distantes paragens nos montes Apalaches e nas montanhas de Great Smokey lá estavam presentes para tomar parte nos cantares e nas danças típicas da região. As melodias eram de todos conhecidas, pois as tinham aprendido com seus pais, nos festivais locais realizados periodicamente. Às vezes adicionam novos versos às melodias e ocasionalmente alguém contribui com uma canção nova, inspirada em algum desastre de trem, na safra do ano, ou em qualquer outro fato de significação especial.

Os instrumentos usados nesses festivais são o violino, o violão e o banjo, e os músicos tocam de ouvido. Parte do festival é dedicado a danças executadas por numerosos pares sob a direção do clássico "marcante", sempre um respeitado cidadão da comunidade, familiarizado com todos os passos de danças e que, às vezes, faz a marcação cantando em versos rimados para gáudio dos presentes.

Uma velha tradição

Mas o interesse principal da festa está nas melodias populares. Além de centenas de pessoas que vêm da própria cidade e seus subúrbios também aflúe enorme concorrência daqueles que apreciam e cultivam esse gênero de música, e estão sempre ansiosos de participar de tais programas.

Nos Estados Unidos os cantos populares despertam grande fascinação pela sua história, que se remonta aos tempos coloniais. Por sua vez, a infiltração de outros elementos, franceses, alemães, espanhóis, portugueses, italianos e africanos, na colonização norte-americana, trouxe seus próprios ritmos, suas canções e modulações. Dessas contribuições, algumas têm se mantido imutáveis. Na Luisiana ainda perduram os cantos corais e religiosos franceses; em Wisconsin são entoados às vezes cânticos em alemão. Na zona do sudoeste canta-se "La Cucaracha" e "De Mexico He Venido", "El Floron" e "Maria Blanca". Canções de peças teatrais do Velho Mundo, como "Los Pastores" e "El Niño Perdido" também são muito comuns nas regiões da fronteira mexicana.

Uma canção popular, frequentemente, define a história de um povo. Nos Estados Unidos, por exemplo, a história pode se remontar através de cantos até o primeiro inverno de intenso frio, em 1620, quando os peregrinos desembarcaram na

Nova Inglaterra para tentar vida nova nas terras da América. Nos primeiros tempos, os cantos populares muito contribuíram para unir pequenos povoados precariamente estabelecidos na costa atlântica. Em forma de balada espalhavam as notícias de povoação em povoação. Certas canções, como a que conta os feitos do famoso pirata, Capitão Kidd, que se acredita ter morrido sem nunca revelar o segredo do seu tesouro oculto, foi trazida da Inglaterra. Naquela época não era menor o fervor em compor baladas. Benjamin Franklin, famoso signatário da Declaração de Independência dos Estados Unidos e embaixador na França durante o período da guerra da Independência, aos nove anos de idade compôs uma balada, em 1718, que ele vendia nas ruas, com grande aceitação.

Entre os colonos, os cantos religiosos desempenharam um papel de grande significação. E nas reuniões sociais dos peregrinos, em Plymouth, Massachusetts, os presentes se revezavam na composição de cantos religiosos. O primeiro marco de letra e música religiosa criada nos Estados Unidos data de 1697, sendo seu autor Johannus Kelpius, chefe de uma colônia de Pensilvânia. Foi ali também que se originou o primeiro verdadeiro desenvolvimento cultural musical na América do Norte. Os morávios, refugiados da Alemanha e da Suíça, consideravam a música como parte do seu trabalho, de suas diversões e adorações religiosas, dedicando todos os dias uma hora especialmente para os cantos polifônicos em que todos participavam.

Com a aproximação da guerra da Independência, as vozes das colônias inclinaram-se para um novo tema: a liberdade. A Sociedade dos Filhos da Liberdade, fundada em 1760, apresentou e divulgou muitos cantos como parte da sua campanha subterrânea pró-liberdade. Como em todas as partes do mundo, o ritmo da música e o ardor da letra serviram para inflamar os patriotas em feitos memoráveis de valor e de coragem.



Um marinheiro (à direita, em cima) de volta da guerra para passar uns dias com a família, então, com parentes e amigos, uma canção bem conhecida de todos

Um festival lírico improvisado na Nova Inglaterra, com a colaboração de dois violinistas e um pianista que se vale de um caixão para alcançar o teclado

Um violino, um acordeão e uma guitarra é tudo o que se necessita nos campos do oeste para tocar a música de danças coloniais, ainda tão populares





James C. Dunn, veterano diplomata de carreira, promovido ao posto de Secretário Assistente de Estado para os países não-americanos



Nelson A. Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, nomeado para o novo posto de Secretário Assistente de Estado das relações interamericanas

Novos Assistentes em Assuntos Internacionais

OS AUXILIARES DO SECRETARIO DE ESTADO NA NOVA FASE DA POLITICA EXTERIOR

OS Estados Unidos defrontam o período restante de guerra e os crescentes problemas da paz futura com um Departamento de Estado fortalecido para enfrentar as ainda maiores responsabilidades em assuntos mundiais. Novos elementos de variada experiência e qualificações especiais preencheram os cargos de principais assistentes do Secretário de Estado Edward R. Stettinius Jr., para colaborarem no traçado do rumo que a nação tomará para realizar, segundo as palavras do próprio titular da pasta das relações exteriores, "uma política exterior liberal e de grande alcance" durante o crítico período da guerra e nos anos subsequentes. Os novos auxiliares que trabalharão com o Secretário Stettinius sob a direção do presidente são os seguintes:

Joseph C. Grew, veterano diplomata de carreira de notável integridade e habilidade, agora sub-Secretário de Estado, o posto do qual fora elevado o Secretário Stettinius após a resignação do Secretário Cordell Hull, por

motivo de saúde. O Sr. Grew foi o último embaixador americano no Japão.

Nelson A. Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, que exercerá o posto recém-criado de Secretário Assistente de Estado nas relações com as demais repúblicas americanas. Continuará também dirigindo os trabalhos do Bureau do Coordenador durante o período de sua integração na estrutura permanente do governo.

James C. Dunn, alto funcionário, veterano do Departamento de Estado e antigo diretor da Divisão de Assuntos Europeus. E' o Secretário Assistente nas relações com os países não-americanos.

William L. Clayton, antigo Administrador dos Resíduos de Material Bélico e ex-Secretário Assistente do Departamento do Comércio. E' agora Secretário Assistente dos assuntos econômicos estrangeiros.

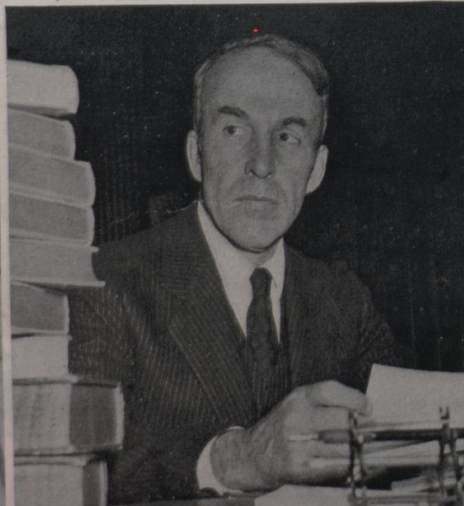
Archibald MacLeish, dramaturgo, soldado, detentor do prêmio Pulitzer de poesia, ex-diretor da Biblioteca do Congresso. E' Secretário Assistente a cargo das relações públicas e culturais.

General de Brigada Julius C. Holmes, ex-ajudante do General Eisenhower, como sub-chefe do estado-maior a cargo de assuntos civis no teatro europeu da guerra. Passa a exercer o posto de Secretário Assistente a cargo da divisão administrativa do Departamento, funções que o Secretário Stettinius classifica como as "de um serviço revigorado e ampliado

O Gen. de Brig. J. C. Holmes, a cargo da nova divisão administrativa do Departamento



Archibald McLeish, escritor e poeta, nomeado para dirigir a divisão de relações públicas e culturais



W. I. Clayton, proeminente homem de negócios, novo assistente a cargo das relações econômicas



nas relações exteriores," de conformidade com as necessidades presentes. A criação do novo posto de Secretário Assistente a cargo das relações interamericanas constitui um renovado reconhecimento, pelos Estados Unidos, da importância da coordenação das relações com as outras Américas. As relações com todos as demais nações do mundo ficam a cargo de outro Secretário Assistente, o Sr. Dunn.

O Sr. Rockefeller é membro de uma das famílias mais conhecidas nos Estados Unidos. Como Coordenador de Assuntos Interamericanos pelo espaço de mais de quatro anos, tem sido um líder no movimento pela colaboração social e econômica interamericana, e elemento de notável atividade em prol da realização de vários projetos de saneamento e educação, de economias básicas e outros. Conquanto muitos desses cooperativos empreendimentos favoreçam consideravelmente o esforço de guerra das Nações Unidas, todos estão fundados num princípio mais amplo — o de que o bem-estar de uma república afeta o bem-estar de todas as suas vizinhas.

O interamericanismo

Antes de assumir as novas funções no Departamento de Estado, o Sr. Rockefeller assim resumiu o seu ponto de vista interamericano:

"A cooperação interamericana deve demonstrar-se tão poderosa depois da paz como durante a guerra. Com inteligente planificação e incessante espírito de cooperação, as Américas dispõem de uma norma para seu ininterrupto progresso, utilizando todas as suas riquezas, materiais e espirituais, por meio das quais se elevará o padrão de vida e virão as soluções dos problemas econômicos, políticos e sociais. Seja qual for o plano adotado pelas Nações Unidas para uma paz mundial permanente, há-de encerrar na sua substância muito do que já se tem aprendido nestes últimos anos graças à cooperação das repúblicas deste hemisfério. Aqui, dentro da estrutura da política de Boa Vizinhança, nós, das Américas, temos estudado conjuntamente os problemas internacionais e encontrado soluções para benefício de todos."

Perante a comissão do Senado que aprovou a sua seleção para o cargo, o Sr. Rockefeller declarou que ao concordar em aceitar a nomeação fora guiado primeiro, pela "sua profunda fé na política de Boa Vizinhança enunciada pelo presidente, e tão hábil e efetivamente desenvolvida pelo Secretário Hull."

E acrescentou: "Ambos determinaram um curso para a ação cooperativa das nações deste hemisfério, curso que tem demonstrado ser uma grande fonte de vigor nestes tempos de guerra, e que será indispensável para a nossa segurança e bem-estar futuros."

O Sr. Rockefeller também acentuou ter sido igualmente guiado pelo fato de haverem o Congresso e o povo dos Estados Unidos apoiado o programa de Boa Vizinhança, assim como pela confiança e respeito que lhe inspiravam o Secretário Stettinius e a lealdade e devoção dos servidores do Estado, no campo das relações exteriores.

Um veterano diplomata

O novo sub-Secretário, Sr. Grew, ingressou no serviço diplomático em 1904, aos 24 anos, servindo no Cairo. Passou depois para as embaixadas no México, na Rússia, na Alemanha e na Áustria. De 1924 a 1927 exerceu o cargo de sub-Secretário de Estado, seguindo depois para servir como embaixador na Turquia. Em 1932 iniciou então os seus dez anos fatais como embaixador no Japão.

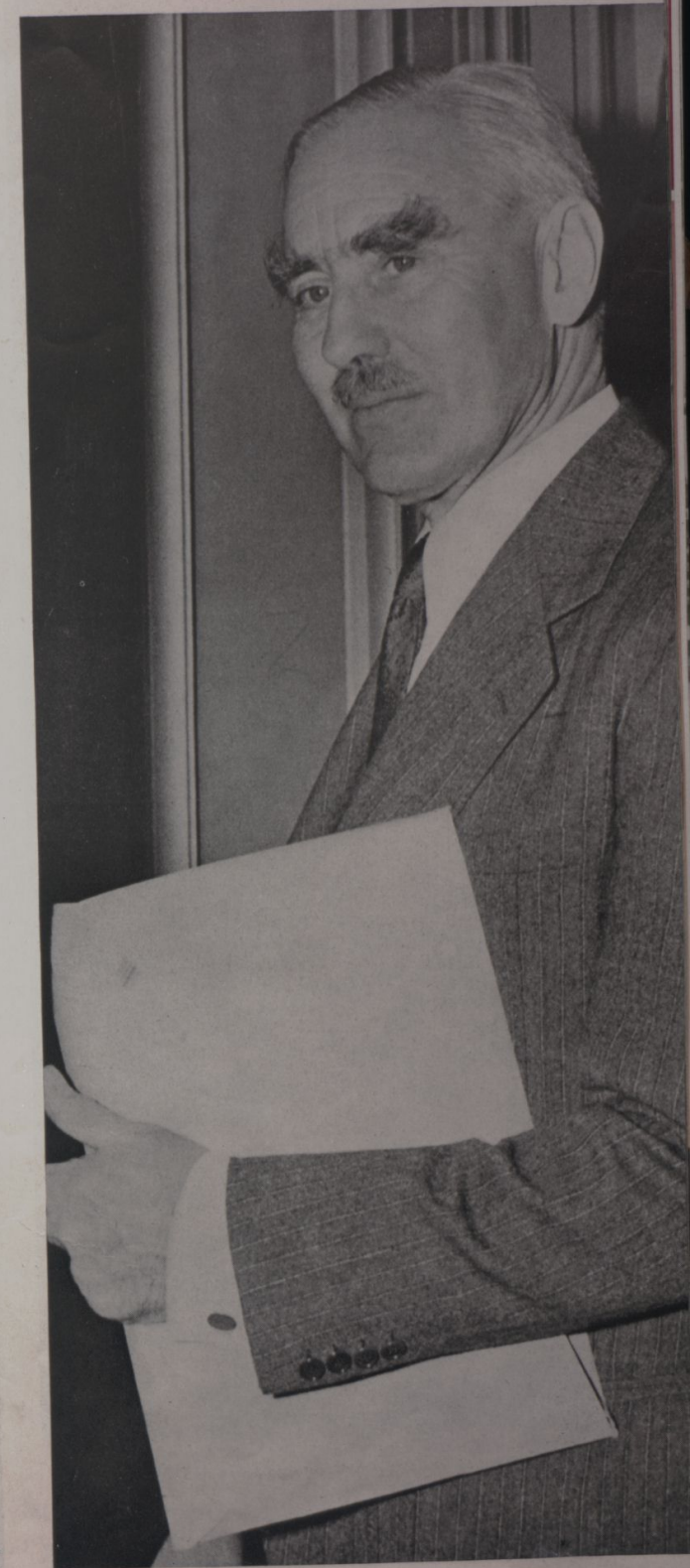
Em seus livros "Informes de Tóquio" e "Dez anos no Japão", o Sr. Grew relata o que foi a sua estada na capital japonesa. Foram anos em que a esperança se mesclava com um crescente desengano. Agindo por ordem de seu governo, apresentou inúmeros protestos contra as agressões militares japonesas no Extremo-Oriente.

Em 1941, finalmente, a agressão foi dirigida ao hemisfério ocidental, com o ataque de surpresa do Japão contra Pearl Harbor. Depois de passar meses detido no Japão, o Embaixador Grew regressou à sua pátria, entrando a colaborar, no Departamento de Estado, no esforço de guerra contra o inimigo.

O novo sub-Secretário de Estado, que tanto se esforçou para evitar a guerra, se extrema agora pela vitória total, como a única maneira de alcançar uma paz — total e duradoura. Enaltecendo o espírito que anima as negociações entre as Nações Unidas para edificarem a estrutura da cooperação de pós-guerra, declarou ele, recentemente:

"Acredito que os povos do mundo nunca se mostraram antes tão determinados a fazer com que uma tal estrutura seja, de fato, construída, interessando-se sinceramente para que seja realmente efetiva e duradoura."

Joseph C. Grew, último embaixador dos Estados Unidos no Japão e um dos mais distintos diplomatas de carreira, passa a servir como sub-Secretário de Estado





O movimento nas rodovias em muitos Estados atesta da constante migração dos trabalhadores que se transportam em automóveis



Nos arredores de várias zonas industriais, a impossibilidade de acomodar os operários fez surgir muitos acampamentos de "trailers"

Gente de todos os pontos e todas as origens entrega-se ao trabalho de guerra, apoiando assim os combatentes que estão ativos no "front"

A ENORME MIGRAÇÃO DE OPERÁRIOS

CAUSADA PELA PRODUÇÃO DE GUERRA

EM três anos de guerra tem se verificado nos Estados Unidos uma "marcha para o oeste" que faz lembrar a quadra de expansão colonial de gerações passadas, quando a uberidade das terras fronteiriças e de outros rincões longínquos atraía o influxo dos destemidos desbravadores que iam aventurar, "melhorar de vida".

Hoje, o oeste está feito, mas é ainda para ali que se têm deslocado milhões de operários, destinados aos centros da grande produção industrial de guerra, as fábricas de aeroplanos, os estaleiros de construção naval e as fábricas de armas e munições — todo o gigantesco arsenal das Nações Unidas.

É uma migração patriótica. De certo, também se reveste da histórica atração, da esperança de uma vida melhor no fim da jornada. Mas na essência é o mesmo estímulo que animou, no passado, o povoamento do vasto continente norte-americano, das montanhas do oriente aos mares do ocidente, no espaço de um século.

A migração para o oeste, causada pelas necessidades da guerra, é, de fato, típica da índole do povo americano. Começou mesmo antes de terem as treze colônias da costa atlântica se tornado uma nação. Já então a gente aventureira ia transpondo os passos nas montanhas, em busca dos vales férteis que se distendiam no além. Havia, como agora, uma parte da população que sempre se deslocava em migrações.

Razões históricas

Com o transcorrer do tempo, o movimento para o oeste tomou corpo, em constante e compacta penetração. E havia razões para isso. O oriente estava superpopulado. Em ascensão natural e por causa da imigração européia, sua população dobrava em cada período de vinte a trinta anos. Não havia mais terras a conquistar no leste. As crises, em seus ciclos inevitáveis, traziam o desemprego com todas as suas agravantes. Para uma parte da população, a vida tornava-se um sério problema.

Mas se a situação não era das melhores no leste, havia sempre o recurso da fronteira, a vastidão das terras do oeste, opulentas, a serem desbravadas para uma produção ilimitada. Os menos afortunados, os aventureiros, os descontentes não ficaram indiferentes às sedução daquela terra de promessa. Famílias inteiras puseram-se em marcha, levando todos os seus parcos haveres, na ânsia de vencer a jornada e conquistar o desconhecido. E se a condição essencial do êxito era o trabalho árduo, todos quantos chegaram ao termo da viagem tinham já demonstrado sua disposição para isso. Naquelas paragens distantes e primitivas tudo estava por fazer: terras por cultivar, casas por construir, além de utensílios, roupas e ferramentas que iam sendo consumidos na labuta constante de todo dia. Mas com o propósito de ir para ficar, não contavam as horas de tra-



A POPULAÇÃO DESLOCA-SE



De costa a costa, milhares de norte-americanos têm deixado seus lares e ocupações normais para procurar trabalho nas indústrias de guerra da nação. Todas as estações ferroviárias e de auto-ônibus refletem a extensão dessas migrações. Em baixo: Operários de construção naval chegando a Portland, Oregon



balho. E foi assim que os pioneiros provinidos de vários pontos e origens consolidaram a sua conquista de um continente. Em 1990, ainda havia terras aguardando a exploração dos fortes e decididos. A fronteira já havia desaparecido, mas a emigração prosseguiu, conquanto em ritmo mais lento. Raiaram nas bandas do Pacífico os primeiros albos do desenvolvimento industrial. Intensificava-se o trabalho que ia atrair milhões. A agricultura, na Califórnia, especializou o tratamento da natureza e entrou em surto de incomparável progresso, exigindo mais e mais braços, para o imenso celeiro. Décadas a fio foi incessante a movimentação de gente que procurava a Califórnia. Mais recentemente, entre 1935 e 1940, o total da migração para lá foi de 650.000 almas, havendo ainda um considerável número que se dirigiu para os outros Estados da costa do Pacífico, o de Washington e o de Oregon.

Dessarte, durante um longo e significativo período, a disposição de se deslocar ficou sendo um dos traços característicos do feito norte-americano, mais uma vez demonstrado agora quando a nação viu-se arrastada à guerra. O rompimento das hostilidades impôs uma produção industrial em escala sem precedentes. Aviões, navios, armamentos, munição e toda a escala de abastecimentos de guerra iam pesar na balança da vitória se satisfizessem as duas condições do momento: produção rápida e quantidade ilimitada. Urgia a construção de novas fábricas em grande número e de dimensões colossais, necessitando milhões de operários de ambos os sexos. Começaram então a surgir novas fábricas e a ampliar-se muitas

(Continua)



As mulheres também trabalham nas indústrias bélicas. Numerosas são esposas, irmãs ou filhas de combatentes, e a sua participação é das mais valiosas

das antigas, em todos os segmentos do país, mas uma considerável porção delas estava concentrada nos Estados da costa oriental. Ao apelo do governo atenderam milhões de braços para o trabalho. Como os pioneiros seus antecessores de outras eras, os de agora também deixaram seu torrão nativo para migrar para os centros de produção. A princípio avultava o número dos moços, egressos do trabalho do campo. Depois foram os mais idosos, alguns com a família, outros sozinhos, que preferiam se estabelecer primeiro, para depois chamar os seus e firmar nova residência, por tempo indeterminado.

Nova penetração

Em três anos, seis milhões movimentaram-se de um Estado para outro ou de uma região para outra no próprio Estado. Desta vez não só o oeste recebeu o influxo. Outras seções do país também tiveram gente nova. O Estado de Michigan, por exemplo, situado no centro-norte, recebeu considerável massa de forasteiros. Detroit, de há muito o maior centro de produção de automóveis, em tempo de paz, transformou-se em empório de aviões e tanques. À orla do Atlântico, em Baltimore, Norfolk, Wilmington, Carolina do Norte e Boston, os estaleiros de construção naval absorveram numerosas levas de trabalhadores.

Mas o movimento foi calcado predominantemente na histórica penetração do oeste. Ali, pequenas localidades rurais metamorfosearam-se, no decurso de meses, em cidades movimentadas de 40 e 50 mil habitantes. Somente para Los Angeles afluíram 400.000 operários, e San Francisco e seus arredores receberam quase a mesma quota. Bremerton, no Estado de Washington, passou de 15.000 para 75.000 habitantes. San Diego, ao sul da Califórnia, cresceu de 200.000 para 400.000. Estes são apenas exemplos do que ocorreu em dezenas de outras cidades e localidades. De relance verifica-se que os três Estados da costa do Pacífico (Califórnia, Oregon e Washington) tiveram em três anos a sua população global de 9.679.000 aumentada para 11.746.000 habitantes, inclusive 793.000 membros das forças armadas que normalmente residem noutras unidades da Federação. Somente a população da Califórnia cresceu de 6.858.000 habitantes para 8.451.000, ou seja um aumento de 23 por cento.

Essa concentração de gente em novas áreas trouxe problemas inevitáveis. Os centros de produção bélica ficaram superlotados. O governo federal mandou construir habitações para 3.000.000 em todo o território nacional, mas essa providência ficou aquém das necessidades. Sentiu-se

a carência de médicos, que em considerável número estão atualmente ao serviço do Exército e da Armada. As facilidades hospitalares também eram escassas, havendo a ameaça constante contra o estado sanitário das massas de forasteiros.

Além disto, o comércio em geral e outros serviços indispensáveis, desde restaurantes até lavanderias, não podiam fazer frente ao movimento, sobretudo pela deficiência de empregados, então chamados ao serviço das armas ou atraídos pelas indústrias de guerra. Os transportes urbanos apresentavam igualmente problemas análogos.

Por tudo isso, a vida para os forasteiros, a princípio, revelou-se cheia de dificuldades. Mas todos procuraram adaptar-se às circunstâncias e não se prejudicou o trabalho que lhes fora incumbido. A produção, quer fosse de navios, de aviões ou de armamentos, recrudesciu, assumindo proporções que, há poucos anos, seriam consideradas uma impossibilidade. Quando, porém, terminar a guerra, a maior parte desse trabalho cessará. Que será então dos milhões que se deslocaram para os centros de produção de guerra? Aí está um problema que não deixa de preocupar os governos federal e local, assim como os residentes permanentes. É uma questão que já absorve os estudos e projetos sobre a reconversão da indústria, da guerra para a paz.

Visão futura

Dos que migraram, alguns tornarão aos seus pontos de origem, entregando-se novamente aos afazeres peculiares de cada um, nas cidades, nas vilas e no campo. Muitas das localidades que tiveram sua população dobrada em consequência da guerra estão evidentemente fadadas ao retrocesso, sofrendo com o súbito desequilíbrio. Mas, de um modo geral, o número dos que regressarão às suas próprias terras é estimado em parcela pequena, talvez num máximo de 25 por cento.

Seja qual for a situação de permanência dessas famílias que se movimentaram de um ponto para outro, o certo é que lhes foi dada uma oportunidade de conhecerem novas regiões do país, todas com seus aspectos peculiares, demonstrando o progresso que, noutros tempos, foi o sonho dos seus primeiros edificadores. Dêles permanece a lembrança imorredoura, por terem sido incansáveis no esforço de implantar as melhores características da nacionalidade em novas terras abertas à exploração e desenvolvimento. A expansão de outrora deixou raízes profundas no espírito de iniciativa do povo norte-americano. E este espírito não encontra limites.

Onde quer que surjam novas indústrias surgem também as bibliotecas para os operários e suas famílias



Durante trabalho, os filhos das operárias ficam a cargo de várias auxiliares do serviço social



Um pai de família, num acampamento de "trailers" melhorando, nas poucas horas vagas, a sua residência



General Mascarenhas de Moraes

A AÇÃO DO COMANDANTE DA
FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



O General João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira combatendo contra as forças de Eixo, na Itália. Em baixo: Tropas brasileiras movimentando-se para o "front". Vêm-se no primeiro plano o soldado Isaltino Ribeiro da Silva e o cabo Eduardo Ramos de Oliveira



O GENERAL JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, comandante da Força Expedicionária Brasileira é um homem vigoroso e taciturno com uma reputação de excelente líder no campo de batalha. Pelo Tenente-General Mark Clark e outros oficiais de alta patente do Comando Aliado na Itália, o general brasileiro é conhecido como um homem de palavra: nunca faz promessas extravagantes, mas sempre cumpre religiosamente as promessas que faz.

De hábitos frugais e de grande modéstia, o General Mascarenhas raramente sorri, e uma simples pancadinha nas costas é a sua maior demonstração de cordialidade, mesmo para com os que mais intimamente a ele estão ligados. Não obstante, seu interesse pelo bem-estar dos soldados revela um dos mais finos traços do seu carácter. Calma e persistentemente faz questão de verificar pessoalmente se as condições em que se encontram seus comandados são realmente as melhores possíveis sob as circunstâncias das necessidades militares. E é com grande zelo que se interessa para que os combatentes que regressam do "front", depois de longos dias de atividade constante nas montanhas da Itália, sob as inclemências do tempo e do inimigo, encontrem todas as facilidades para um repouso adequado e reparador.

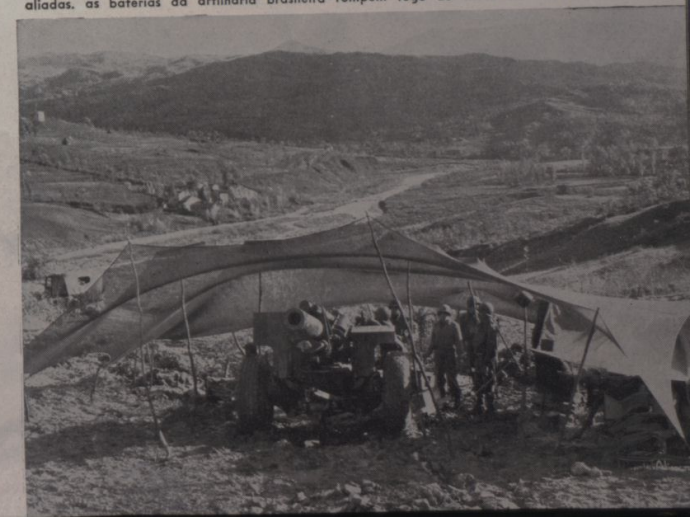
A fim de se certificar da situação entre a sua tropa, o general, desde que chegaram as forças brasileiras à Itália, em julho último, visita diariamente as posições avançadas, frequentemente com grave risco pessoal. É de acordo com as suas próprias observações que então decide quando as tropas de combate devem descansar e serem substituídas por outras.

O bem-estar do soldado tem sido sempre uma das preocupações primárias do General Mascarenhas. Ainda recentemente um fato veio confirmar esse seu modo de encarar a vida militar. Seguiu ele em direção à linha de frente, quando um auto-caminhão brasileiro que ia na frente foi atingido por uma bala alemã, do que resultou ficar ferido no pé o soldado-chófer e incendiar-se o veículo. A despeito do perigo da continuação do tiroteio, o general parou e deu ordens para que o chófer recebesse curativos imediatamente. Feito isto, pôs o seu capacete e continuou seu caminho.

Esta sua despreocupação pelos seus próprios riscos pessoais tem sido freqüentemente razão de alarme para os oficiais do seu estado-maior. Todavia, o general mostra-se naturalmente indiferente ao perigo durante suas visitas de inspeção, muitas vezes sob o fogo dos morteiros e da artilharia do inimigo. Não se dispõe nunca a retroceder por causa de um inconveniente que ele julga ser natural da guerra.

Vigoroso e de extrema capacidade de trabalho, o comandante-em-chefe brasileiro é absorvido por um trabalho de 12 a 14 horas diárias. Conquanto disponha de confortável alojamento, prefere dormir fora, num auto-aminhão especialmente equipado, presente do General Mark Clark.

Combatendo lado a lado com as forças dos Estados Unidos e de outras forças aliadas, as baterias da artilharia brasileira rompem fogo ao norte da Itália





Uma escavadeira das tropas americanas em ação nas águas da ilha de Leyte, no trabalho de construção de pontos de desembarque para as chatas que encaharam

As tropas de infantaria norte-americana avançam passo a passo contra as posições fortificadas do inimigo, em Leyte. A seguir, vem os poderosos tanques



A Libertação no Pacífico

QUANDO o Japão começou a guerra no Pacífico, seus líderes militares tinham como principais objetivos a conquista de vastos territórios e o estabelecimento da dominação política e econômica sobre os seus respectivos habitantes.

O sistemático bombardeio das indústrias vitais japonesas em Tóquio e outros centros de produção do império, pela aviação dos Estados Unidos; as grandes perdas infligidas à marinha japonesa, e o contínuo avanço das forças aliadas, que cada vez mais se aproximam das ilhas imperiais, são fatos demonstrativos de que o Japão está perdendo a sua guerra expansionista.

A libertação gradativa de seções cada vez maiores das terras conquistadas indica que o Japão falhou, logo de saída, na sua tentativa de firmar sua dominação política, espiritual e econômica sobre os povos dessas terras. As razões desse fracasso tornaram-se imediatamente evidentes para as forças aliadas libertadoras à medida que ocuparam partes das Índias Holandesas, da ilha de Nova Inglaterra, das ilhas do Almirantado e outros domínios insulares no Pacífico. E o retorno dos americanos às ilhas Filipinas revelou ainda maiores provas de que o esquema nipônês de estabelecer a sua "esfera de co-prosperidade" na Ásia, lançando o Oriente contra o Ocidente, num levante de competição racial, falhou completamente.

As tropas dos Estados Unidos que desembarcaram na ilha de Leyte, no início da campanha de libertação das Filipinas, puderam se certificar desse fato com os próprios habitantes, quando estes os receberam entusiasmamente — homens, mulheres e crianças que se viam livres da prepotência do inimigo. Era para todos os soldados a mesma velha história de exploração e bárbaro tratamento da parte dos japoneses. Muitos dos 31.000 habitantes de Tacloban, uma das primeiras vilas a serem libertadas, protestaram principalmente contra os roubos, contra o saque prada-

(Continúa)



Chineses moradores da ilha de Leyte ao tempo da invasão, apresentam-se ao acampamento dos americanos para se reunirem na luta contra os japoneses

O Presidente Sergio Osmena, das Filipinas, irradia um apelo ao seu povo incitando-os a lutar contra os japoneses. Atrás, vê-se o General MacArthur



Após a conquista de Saipan, pelos americanos, havia tão poucos gêneros alimentícios que até as mulheres ajudaram no trabalho do campo para aumentar a produção





Guerrilheiros filipinos, depois de longa espera, reúnem-se finalmente às forças norte-americanas

ordens, os residentes de Tacloban pouca atenção davam as determinações referentes ao *blackout*. E o movimento subterrâneo filipino continuou sem cessar, fazendo a distribuição de folhetos com informações fornecidas pelos americanos, assegurando-lhes da sua próxima libertação. Grupos de guerrilheiros, desafiando as ameaças de morte se fossem apreendidos, dificultavam a ação do inimigo, dia e noite, interrompendo as comunicações, destruindo seu equipamento e frequentemente emergindo dos esconderijos nas montanhas para atacar de tocaia os soldados japoneses.

Noutras ilhas libertadas no Pacífico, nas quais o inimigo empregou todos os meios para impôr seus planos de "co-prosperidade" aos habitantes, as condições eram idênticas.

Na ilha de Morotai, nas Índias Holandesas, por exemplo, a população antes habitava casas bem construídas, bem dispostas, cobertas de palha especial. Quase todas eram dotadas de jardim e pequena horta, bem cuidadas. Dedicavam-se muito à pesca, usando barcos resistentes. Quando as tropas aliadas chegaram à ilha, as casas estavam em mau estado de conservação, os jardins e quintais já eram parte do mato denso e todos os barcos estavam abandonados.

Um, soldado raso; outro, coronel. Ambos combatentes americanos mortos na luta para libertar Guam

dos, imprestáveis, porque os japoneses proibiram terminantemente a pesca. A população inteira tinha sido posta a trabalhar para os seus opressores, recebendo em troca uma retribuição miserável. Todos passavam fome e curtiavam as maiores necessidades.

Antes de invadirem os japoneses a pequena ilha de Guam, possessão norte-americana, seus habitantes já tinham alcançado considerável progresso econômico e social. Mas quando as tropas americanas voltaram para atacar e expulsar os invasores, encontraram os habitantes em extrema miséria. Milhares de homens, mulheres e crianças que afluíam aos postos de emergência estabelecidos pelos norte-americanos estavam depauperados, organicamente combalidos, necessitando alimento, roupas e cuidados médicos.

Em Agana, capital de Guam, o jovem Herbert Johnson, filho do diretor da escola secundária local, relatou os sofrimentos passados pela população, forçada a trabalhar incessantemente. Homens, mulheres e as crianças de mais de oito anos de idade tinham que cavar trincheiras, carregar material para a construção de pistas para os aviões e carregar munição de toda sorte. A igreja católica foi transformada em depósito de



O desembarque de equipamento militar na ilha de Leyte depois do assalto, vendo-se as crateras das bombas



ticado sistematicamente pelo inimigo durante os 29 meses de ocupação. Os japoneses requisitaram todos os alimentos dos mercados locais, apoderaram-se de todos os automóveis, aparelhos de rádio, utensílios de cozinha de metal, de grades de ferro, trilhos e mobiliário, em sua busca de material bélico.

Forçaram a circulação de uma moeda sem valor real algum, causando assim tremenda alta de preços. Todos os funcionários filipinos foram obrigados a aprender o idioma japonês, e nas escolas foi banido o ensino de outra língua que não fosse a japonesa. Até o nome das ruas foi mudado para nomes japoneses. Os filipinos relataram aos americanos que os invasores primeiro procuraram induzi-los a trabalhar na construção de aeródromos, trincheiras e fortificações, em troca de simples alimentação diária. Mas quando verificaram que numerosos filipinos continuavam se recusando a armá-los contra os americanos, cujo retorno já consideravam coisa certa, passaram a usar de força. Todos os homens foram obrigados a trabalhar nas construções militares e as mulheres foram incumbidas de fazer redes e esteiras para serem usadas na camuflagem. A alimentação dos trabalhadores era das piores. A despeito dos campos de concentração que os japoneses mantinham para internar os civis que não obedeciam às suas

materiais e a ninguém era permitido falar sequer em religião. "Todos tínhamos que nos inclinar em ridícula barretada sempre que encontrávamos um japonês. E se não mantivessemos os braços bem esticados ao longo do corpo quando fazíamos a saudação, éramos espancados," declarou Herbert.

Mesmo que os japoneses tivessem conseguido se manter firmes nos seus domínios espoliados no Pacífico, tudo demonstra que lhes seria impossível alcançar suficiente cooperação dos naturais para pôrem em prática o seu sistema de "co-prosperidade asiática," baseada aliás na tirania, brutalidade e exploração.

Foi por isto que, na ilha de Leyte, por exemplo, o regresso das forças dos Estados Unidos foi recebido com intenso júbilo popular. Os filipinos não podiam esconder a sua emoção, chorando de alegria quando se certificaram de que, de fato, estavam livres dos horrores da dominação inimiga.

Hoje, a escola está novamente dedicada à obra de educação na ilha de Guam. Em Saipan, os chamorros, seus habitantes, que há séculos professam a religião católica, desde os tempos da colonização espanhola, estão agora livres para assistirem a missa, todos os domingos. Desde o ataque contra Pearl Harbor e a subsequente dominação japonesa, foram eles privados desse direito. E nas áreas libertadas das Índias Holandesas, na Nova Inglaterra, nas ilhas do Almirantado e tantas outras arrancadas à opressão nipônica, os habitantes reganham a sua liberdade, e recuperam sua força física e espiritual tão sacrificadas durante o período infernal das humilhações e do terror impostos pelos dominadores japoneses.

Mas ainda persistem os marcos profundos da nefasta ordem que os japoneses tentaram impôr a todo custo. O general de brigada Carlos Romulo, comissário residente das Filipinas pôde observar essa realidade por ocasião de seu desembarque na ilha de Leyte, em companhia do Presidente Sergio Osmeña, das Filipinas, e do General Douglas MacArthur.

"Primeiro que tudo," declarou ele, "impõe-se a obra de reabilitação do país. É difícil para o povo americano fazer idéia exata de como têm sido brutais e deshumanos os japoneses para com os filipinos. A julgar pelo que tenho observado desde o nosso desembarque em Leyte, parece que os nipões nunca tiveram a menor dúvida de que sua estadia nas Filipinas seria temporária e, assim, deram ensanchas aos seus instintos de verdadeiras feras, indiferentes aos sofrimentos que causavam, em sua tentativa de dominar, primeiro pelo engodo, depois abertamente, pela força bruta, aliás sem resultado algum."

OS TRÊS CAVALEIROS

OS dois astros do cinema, Pato Donald, ruidoso palmípede dos Estados Unidos, e José Carioca, o papagaio "gran-fino" do Brasil, estão mais uma vez fazendo novos amigos e admiradores nas repúblicas americanas através do novo filme de Walt Disney, "Os Três Cavaleiros".

Donald e José captivaram tôdas as Américas com as suas aventuras em "Saludos Amigos", mas agora conquistaram mais um camarada em suas alegres viagens — Panchito, o rompante galo mexicano, tão peralta e folgazão como os seus dois companheiros.

"Os Três Cavaleiros" é o relato musicado de uma prazenteira viagem dos três companheiros pelas repúblicas americanas. Há entre eles a mútua garantia de "um por todos e todos por um". Compartilham assim da música, da beleza e das inúmeras atrações da terra de cada um. E, naturalmente, de quando em vez, têm que se ajudar nos "apertos" em que cada um se encontra. Durante a estadia no Brasil, Donald não pode deixar de cair de amores pela terra — e pelas pequenas — da Bahia. O mesmo acontece quando visitam a terra de Panchito. O buliçoso trio não esconde sua ruidosa admiração pelos países que visitados num sarape mágico, deixando em tôda parte um vasto círculo de amigos.



José Carioca, Panchito e o Pato Donaldto entôam a canção "Os três cavaleiros", da fita do mesmo nome, produzida por Walt Disney. Na primeira cena do filme, Donaldto encontra o papagaio José Carioca e o galo Panchito abrindo vários embrulhos que acabam de receber da América Latina



O Pato Donaldto não pode resistir ao desejo de dançar toda vez que se lhe apresenta a oportunidade, por mais que José e Panchito procurem contê-lo. No México, os três amigos vão a uma festa onde há belos números de danças regionais ao compasso de "Zandunga" e de "A feira das flores."



As extravagâncias dos três cavaleiros atraem a atenção em todo o México. Na capital, Panchito leva os amigos aos famosos jardins de Xochimilco e aos vulcões Ixtacchuatl e Popocatepetl. Vão ver também a vulcão Paracutin, mas saem correndo a bom correr quando a lava ameaça alcançá-los



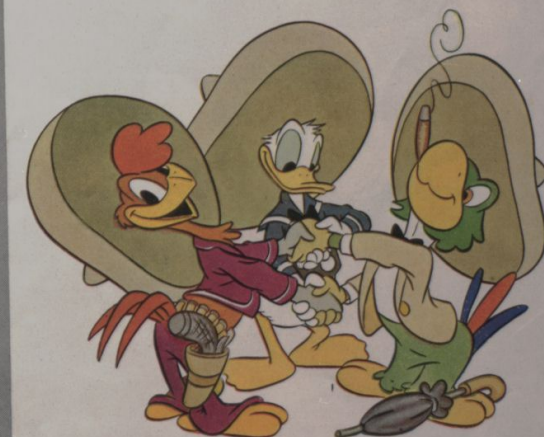
Os três cavaleiros viajam por toda parte no sarape mágico de Panchito. Em Acapulco usam-no como aquaplano e no lago de Pátzcuaro deslizam sobre as águas, entre os barcos dos pescadores. Em certa ocasião observam uma linda festa, do alto, do sarape que continha suspenso em pleno espaço



Com patriótico orgulho, Panchito leva seus amigos por todo o México para mostrar-lhes as coisas típicas do país. José e Donaldto, que visitam pela primeira vez a pátria de seu amigo, ficam tão fascinados pelas danças regionais que acabam dançando-as também com inextinguível prazer e entusiasmo



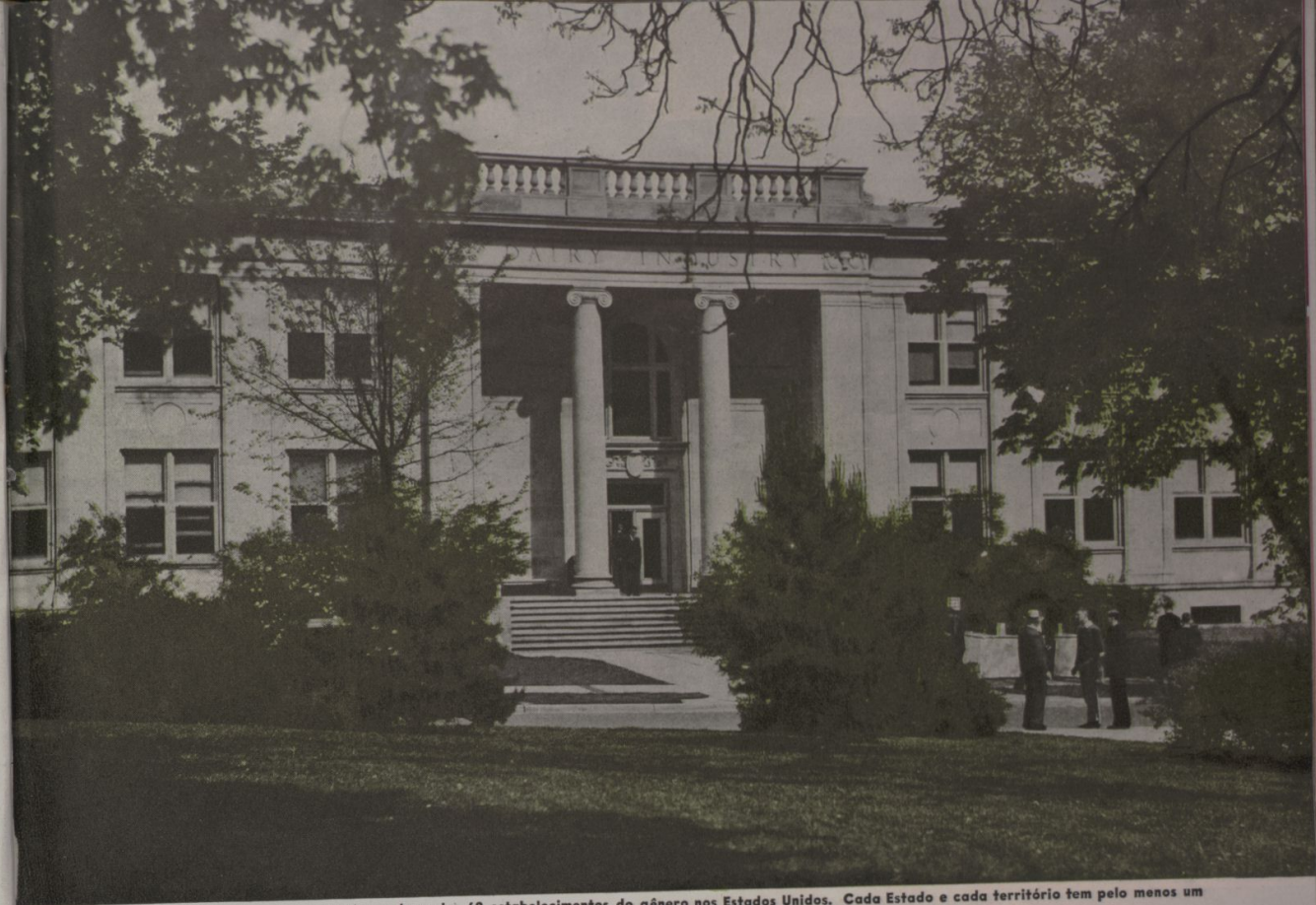
Os animados cabarets da Cidade do México são objeto de uma visita especial no sarape volante, que os conduz depois a Michoacán, Tehuantepec e Chihuahua. Panchito e seus prazenteiros amigos tomam parte numa passeata de brinquedos que termina com uma linda exibição de fogos de artifício



Cantando e dançando ao som da irresistível melodia "Os três cavaleiros", José, Donaldto e Panchito juram ser amigos até a morte e seguir sempre o lema de "um por todos, todos por um", que tanto lhes tem servido para tirá-los das dificuldades em que se metem nas suas famosas traquinadas



Em 1862 o governo do Presidente Lincoln cedeu terras devolutas aos Estados para a criação de colégios universitários agrícolas de grande utilidade



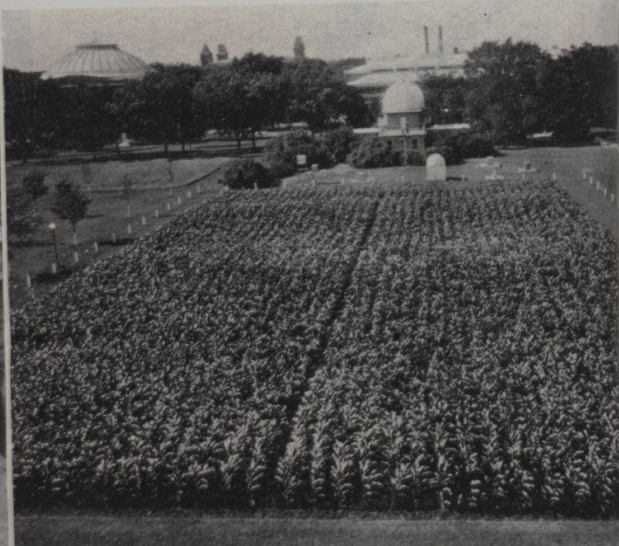
O Colégio do Estado de Iowa, em Ames, é um dos 69 estabelecimentos do gênero nos Estados Unidos. Cada Estado e cada território tem pelo menos um

O Ensino Técnico-Agrícola

OS FRUTOS DE UMA GRANDE E HISTÓRICA INICIATIVA AMERICANA



Para ensinar agricultura o colégio leva o agricultor às salas de aulas e o professor ao campo de experimentação, em cursos essencialmente práticos



Até a fazenda, às vezes, vem para o colégio, como neste caso de uma estação experimental agrícola na Universidade de Illinois

POR ser a agricultura nos Estados Unidos considerada como "base de toda a prosperidade presente e futura" sobrepõe de importância a assistência técnica que o governo põe gratuitamente à disposição de todos quantos dela careçam.

Assim, quer se trate de um criador de suínos no Estado de Missouri, cuja criação não esteja dando o rendimento antecipado; de um fruticultor de Nova York, cujas macieiras estejam sendo atacadas por um parasita; de um criador de vacas leiteiras, de Wisconsin, alarmado pela deficiência na qualidade de gordura do produto, ou de uma simples dona de casa, em Massachusetts, que se preocupa porque se estragaram as frutas e legumes postos em conserva no último outono, todos recebem a imediata atenção de um técnico que lhes aconselha o que devem fazer.

Este serviço especial tomou corpo em 1862. A agricultura já era então indústria básica, mas os agricultores viviam em constante penúria, enfrentando tremendas dificuldades, levando a mesma existência dos seus antepassados trabalhadores da terra. O progresso que alcançavam, quando alcançavam, era somente a custo de muito esforço, produto da experiência própria ou de mero acaso. O agricultor tinha que resolver seus problemas da melhor maneira possível. Cabia-lhe descobrir os seus próprios mercados, melhorar a sua economia e aumentar o proveito de suas atividades.

Foi então que, em 1862, do uso da própria terra surgiu a oportunidade de melhorar a situação da lavoura norte-americana, traçando-lhe um futuro em linhas precisas, que lhe aumentasse os valores e compensasse os esforços. O plano se resumia simplesmente em fazer agricultura, mas os esforços. Havia pelo país inteiro numerosas terras devolutas, e o racionalmente. Havia pelo país inteiro numerosas terras devolutas, e o Congresso decidiu que a melhor aplicação a fazer delas seria doá-las aos Estados, cada um recebendo tantos lotes de trinta mil acres de terras quantos fossem os membros da sua representação em ambas as casas do Congresso. A concessão das terras era feita, entretanto, com uma con-

dição essencial: de serem vendidas e o produto empregado na fundação e manutenção de estabelecimentos de ensino técnico-agrícola e de artes mecânicas. Deste modo se desenvolveu em todos os Estados o interesse pela boa lavoura, através da disseminação de conhecimentos especializados. Hoje existem 69 "Land Grant Colleges", conforme são geralmente conhecidos esses colégios universitários, sendo que cada Estado e cada território tem pelo menos um.

No começo nem todos os Estados se conformaram com a condição de empregar sua respectiva quota na manutenção de tais institutos de ensino gratuito. E alguns dos antigos centros de educação, colégios e universidades, só muito vagarosamente se inclinaram ante a idéia de que plantação de milho ou alimentação de gado pudesse se enquadrar como disciplina acadêmica.

O curso geral

Não obstante, os colégios foram organizados envolvendo o escopo e a grandeza da obra. E se tinham por princípio básico a pesquisa científica, apoiando-se em cursos de química, botânica, geologia, horticultura, medicina veterinária e agricultura prática, completavam o currículo com o estudo de matemática aplicada, legislação rural, línguas vivas, ciências sociais e econômicas, e entomologia, a parte da zoologia que estuda os insetos.

Edificados sobre essa estrutura, há 83 anos, os colégios imprimiram nova direção à prática da agricultura, dando-lhe a amplitude de conhecimentos de que tanto careciam os trabalhadores da terra, desde o pequeno agricultor até o maior interessado nos vários ramos da policultura. Mas a ação dos governos, federal e estaduais, tem enfrentado constantemente a atualidade de todos os problemas agrários, adicionando novas verbas, ampliando as concessões e dando ainda maior impulso aos trabalhos de pes-

(Continúa)



Um aluno na seção de pecuária da Universidade de Maryland (em cima) praticando os princípios de alimentação científica no estábulo mantido pelo colégio. Em baixo: Um agricultor e um técnico do governo examinam a cultura do cravo na estação experimental de um dos colégios agrícolas de Mississippi



O colégio agrícola tem muitos vários fins educativos. Um dos principais é familiarizar o aluno com as máquinas que ele terá de usar para ganhar a vida



Um estudante num dos colégios fazendo uma anotação num quadro. Assim se mantém o controle da alimentação e produção de leite das vacas. Em baixo: Uma técnica de um dos colégios mostrando às donas de casa, no Maine, como utilizar melhor a farinha de trigo em várias aplicações de consumo doméstico



quisa. A demanda que se fez sentir em face da necessidade de estações experimentais obteve pronta solução no Congresso, com a votação de verbas especiais para a criação de tais estações em cada Estado. O sistema que assim se desenvolveu em torno das atividades acadêmicas nos colégios registrou, no decurso de meio século, os mais satisfatórios resultados.

A aplicação científica, porém, não encontrava limites e urge incrementar o seu bafejo noutros quadrantes de crescente importância—o do problema dos mercados, da sociologia rural e da economia doméstica. Aquêles que estavam à frente do movimento de valorização da terra e do homem através do conhecimento técnico, não se satisfaziam com qualquer estagnação de processos, por melhores que estes fossem. Consideravam como necessidade vital a promoção de meios que pusessem os conhecimentos ao alcance das grandes massas de população rural e industrial. O

Congresso, em 1914, expandiu o sistema, criando o "Serviço Extensivo", para se encarregar de ministrar educação e demonstrações práticas sobre agricultura e economia doméstica, em vários Estados, a todos que não pudessem fazer estudos nos colégios. Graças a essa medida, instrutores e cientistas das estações experimentais fazem atualmente visitas regularmente às localidades dos seus respectivos distritos, ministrando conhecimentos práticos e conferências sobre numerosos tópicos de interesse geral.

O aparelhamento administrativo está a cargo dos agentes nomeados pela própria comarca, que partilha com os governos federal e estadual no pagamento dos empregados.

Os agentes organizam as reuniões e os clubes agrários para o estudo dos problemas indicados, tendo à sua disposição os técnicos do serviço geral, especialistas em todos os ramos da agricultura e em matéria de sociologia rural e economia doméstica.

Os estudos feitos periodicamente pelos peritos são publicados em folhetos para distribuição gratuita entre todos os interessados. O programa de educação abrange também cursos práticos destinados aos menores, filhos de agricultores.

Com o aumento da produção surgiu a questão de como dispor do excesso. Tornou-se necessário encontrar o escoamento através de novos mercados, e, ao mesmo tempo, baratear e melhorar os meios de distribuição. Havia também conveniência em ajustar o equilíbrio entre a oferta e a procura.

O Departamento de Agricultura começou então a dar maior desenvolvimento aos serviços econômicos tais como o de informações sobre safras e rebanhos, regulação de mercados e disseminação de dados econômicos de

geral interesse. Foram criados os serviços de classificação e inspeção dos produtos, e, ao termo da primeira guerra mundial, a produção e os mercados eram já tratados como um problema único. A esse tempo, nova legislação veio estender maiores benefícios com relação aos mercados para produtos agrícolas, estabelecendo também os princípios da conservação do solo e matérias correlatas.

As vantagens decorrentes da criação dos colégios universitários de ensino técnico-agrícola deixaram um marco indelével. Até recentemente mais de meio milhão de estudantes tinham sido graduados, nos Estados Unidos e suas possessões, isto é, Hawaii, Alaska e Porto Rico, atingindo a 200.000 o número dos que continuaram fazendo cursos complementares e outros. A instrução militar que nos vários colégios sempre tem estado a cargo de oficiais do Exército, preparou milhares de oficiais especialistas que tomaram parte preponderante na última guerra, o mesmo acontecendo no presente conflito. A história dos colégios e dos feitos científicos das estações experimentais se reflete na vida quotidiana. Por exemplo, foram os técnicos de uma estação experimental que, em 1903, descobriram a causa do cólera que atacava o gado suíno, e prepararam um soro preventivo que representa uma economia de milhões de dólares, todos os anos, para os criadores.

O programa de disseminação de conhecimentos agrários tem produzido resultados práticos não somente para o incremento racional da produção, mas igualmente para o escoamento de safras e colocação nos mercados. Maior tem sido o aproveitamento de áreas próximas aos centros de consumo, tornando assim mais rápida a distribuição de muitos produtos de fácil deterioração, que necessitam acondicionamento especial.

A parte do programa que abrange o estudo da medicina veterinária tem tido o mesmo êxito, influenciando extraordinariamente o progresso notado, de há vários anos, na criação de gado. O curso dilata-se nos diversos ramos especializados, sobre as causas e tratamento das doenças animais e sobre os princípios das ciências sanitárias nas suas aplicações à pecuária. A enorme riqueza nacional representada pelos rebanhos nos Estados Unidos anima e justifica o desenvolvimento de todo o trabalho concernente ao cuidado e aperfeiçoamento que o assunto requer.

A seleção dos reprodutores já se encontra firmemente estabelecida, assim como a alimentação básica que o gado consome. Ambos estes detalhes importantes da vida agro-pecuária norte-americana não cessam, porém, de colher a atenção para maiores estudos.





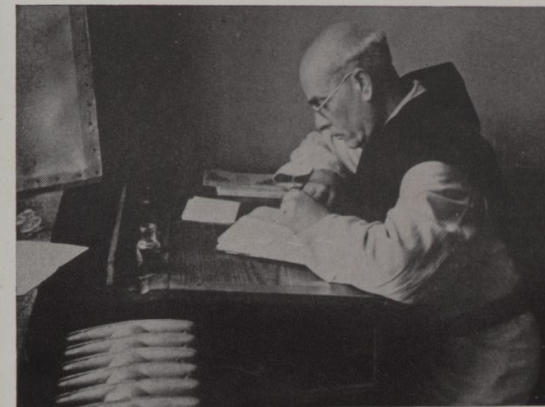
O monge trapista do monastério de Rochefort que recebeu permissão do superior da ordem para romper seu silêncio e falar com seus libertadores

A GUERRA OS DEIXOU EM PAZ

A O sul da Bélgica, a curta distância do Condado de Luxemburgo, está a vila de Rochefort, encerrada em suas vetustas muralhas e orgulhosa da fama que lhe têm grangeado o monastério dos monges trapistas e os queijos que estes fabricam com inextinguível perícia.

Por mera disposição dos fados a Bélgica, desde os tempos de Júlio Cesar, tem sido via de passagem de hordas invasoras. Durante as guerras napoleônicas foi campo de batalha, e nos dois grandes conflitos mundiais do presente século foi invadida e arrasada desapidadamente. Mas apesar das vicissitudes da guerra, os religiosos trapistas permanecem reclusos e austeros em seus domínios monacais há 280 anos. E é tal o rigor da sua reclusão que os habitantes de Rochefort não têm idéia de jamais tê-los visto.

Não obstante tão prolongada tradição de isolamento, os monges trapistas romperam, afinal, o silêncio, inda que apenas por uma brevíssima hora. Quando as forças dos Estados Unidos entraram em Rochefort, durante a expulsão dos nazistas da Bélgica, os monges, felizes com o acontecimento, solicitaram permissão ao superior da ordem para falar com os soldados americanos. Concedida a licença, foram os combatentes da América convidados a percorrer a abadia, mas tão pronto se concluiu a visita, voltaram novamente os trapistas ao secular silêncio, dedicado à oração e ao estudo.



No pátio do monastério que data de sete séculos, um monge palestra com um correspondente de guerra norte-americano, juntamente com um irmão leigo. A esquerda: Um monge iluminando um famoso manuscrito. Os trapistas fazem voto de silêncio e passam a uma existência de estudo, meditação e oração

A vida ascética que lhes impõem as regras da congregação só lhes permite cultivar o essencialmente necessário para a própria subsistência



UMA CRUZADA DE SAÚDE

ENTREGUE inteiramente à direção de médicos brasileiros especialistas, o saneamento do vale do rio Amazonas entra na sua fase decisiva. A dúplici tarefa de explorar as suas riquezas e combater as moléstias iminentes às regiões a serem trabalhadas nesse grande empreendimento fez ressurgir o espírito pioneiro que ora anima a grande cruzada de saneamento do *interland* brasileiro. E pelos progressos alcançados até agora, já despontam fundadas esperanças de que a vitalidade do habitante do vale amazônico não mais será solapada por condições regionais adversas.

A região amazônica é, no mundo inteiro, a que mais tem sido explorada e estudada por cientistas dos mais eminentes da América e da Europa. Todos tem sido unânimes em declarar, em seus extensos estudos feitos *in loco*, que o vale do Amazonas propriamente é um dos mais saudáveis, mais ricos e mais promissores do planeta.

De longa data sujeita a trabalhos esporádicos de colonização, a região do Amazonas ainda está por ser posta à prova numa obra de exploração racional, em que os rigores da natureza sejam devidamente tratados com os recursos da ciência.

Das populações do nordeste brasileiro têm seguido, no passado, inúmeras levas de aventureiros em busca das terras do Amazonas, num gesto de última e ansiada esperança. E se em grande número de casos a subsistência desses forasteiros tem encontrado obstáculos insuperáveis da natureza regional, agravados pelas doenças que parecem tornar a vida simplesmente impossível, há igualmente não poucos exemplos concretos da vitória do estranho contra todas as inclemências locais. O próprio caso do Acre serve para justificar a confiança de que nem tudo é hostilidade na região amazônica. Aquêles

que, há anos passados, se aventuraram para aquela parte extrema nos confins limitrofes brasileiros conseguiram subsistir, progredir e prosperar, confirmando exuberantemente a asserção dos cientistas que, ao explorarem a vasta região do rio-mar, não se deixaram desanimar pelas dificuldades presentes e futuras.

O vultoso programa organizado em base cooperativa brasileira-americana, em 1942, defrontava, antes do mais, a eliminação de várias concepções errôneas acêrca do vale do Amazonas. Impunha-se uma compreensão das verdadeiras possibilidades que a prática indicava, dentro dos limites impostos pelas condições geográficas e pelos recursos econômicos disponíveis. Uma vez assentes os pontos capitais, deu-se início à importante obra de melhorar as condições sanitárias de um milhão e meio de brasileiros.

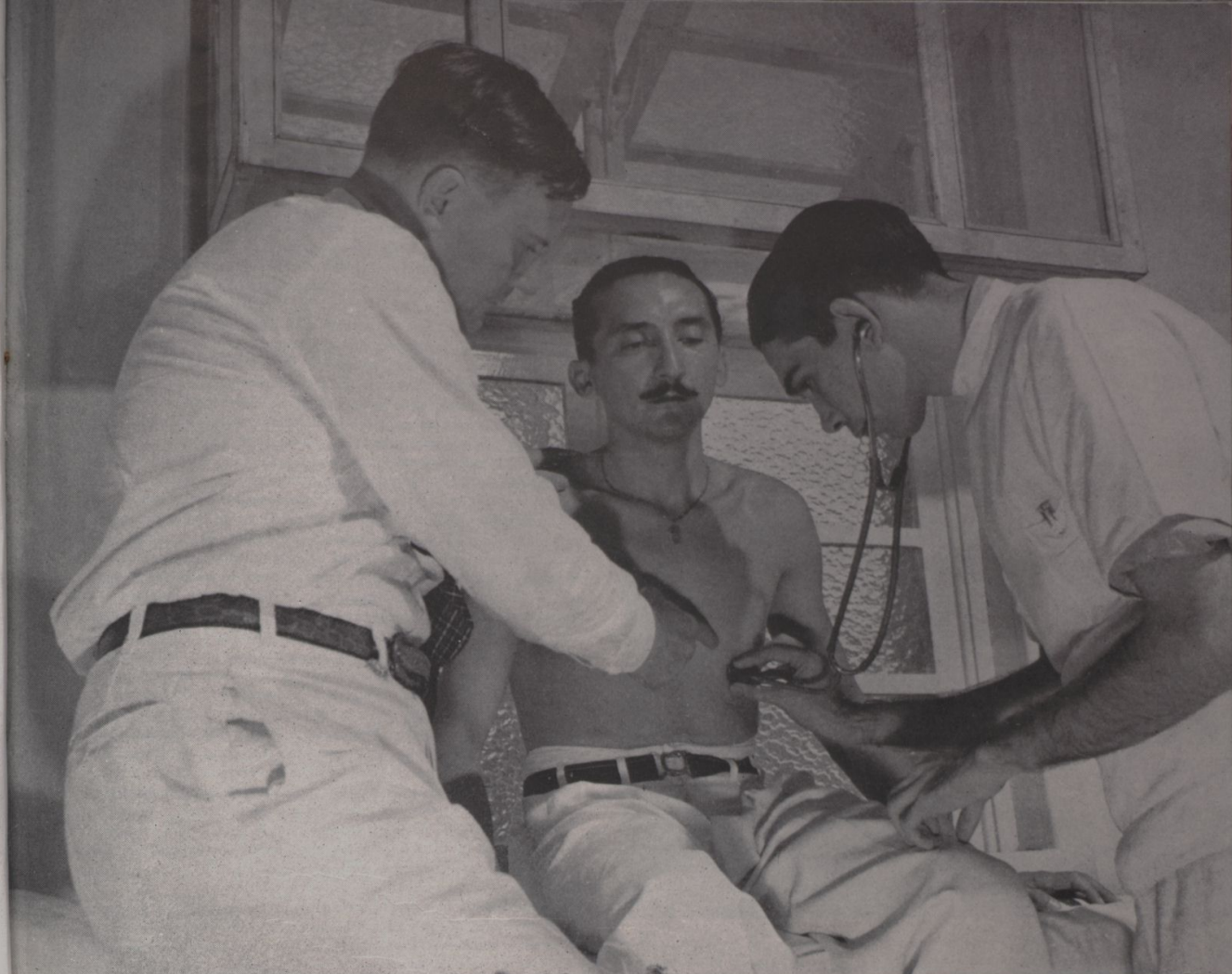
O saneamento

O projeto do vale do Amazonas não é o único a cargo do SESP—Serviço Especial de Saúde Pública, financiado conjuntamente pelos governos brasileiro e norte-americano. Outro programa, de menores proporções, mas igualmente importante, está em plena execução no vale do Rio Doce, cujo saneamento é indispensável aos trabalhos de mineração nos depósitos de Itabira. Este projeto aliás promete maiores resultados imediatos do que o do Amazonas, não somente quanto à saúde pública como quanto à valorização econômica local.

Ambos os programas são resultantes de uma proposta apresentada à Terceira Reunião de Consulta dos Ministros de Exterior das Repúblicas Americanas, efetuada no Rio de Janeiro, em Janeiro de 1942. Um acordo foi assinado em 14 de março do mesmo ano, e a comissão médica norte-americana que iniciou seus trabalhos no

Brasil foi a primeira a iniciar tal serviço na América do Sul. Desde então acôrdos similares foram feitos entre 17 outras repúblicas americanas e o Instituto de Assuntos Interamericanos, organização filiada ao Coordenador de Assuntos Interamericanos. Consoante o acôrdo feito entre o Brasil e os Estados Unidos, seus respectivos governos financiaram conjuntamente o projeto. Durante os primeiros dois anos da execução do programa, sua direção esteve principalmente a cargo de médicos norte-americanos. Em novembro de 1943, os dois governos assinaram novo acôrdo assegurando a continuação do programa de saúde e saneamento até fins de 1948, sob as mesmas bases de financiamento em conjunto. A continuação do programa constitui expressiva demonstração da aprovação do governo brasileiro. Pouco depois da assinatura da revisão do acôrdo, a administração do SESP e seus projetos foi posto nas mãos de médicos brasileiros, de conformidade com um plano segundo o qual os médicos norte-americanos se afastariam gradativamente dos postos que exercem, assumindo apenas as funções de consultores técnicos. Na transição já iniciada, o Dr. Sérvulo Lima passou a exercer o cargo de diretor do SESP, em substituição ao Dr. E. H. Christopherson, chefe da comissão norte-americana no Brasil, e que fôra designado para as funções pelo Ministro da Educação e Saúde do Brasil. O Dr. M. G. Candau é agora assistente do diretor, tendo por conselheiro técnico o Dr. Charles Wagley.

O Dr. Paulo Antunes é o diretor do projeto relativo ao Amazonas, com sede em Belém, e o Dr. Ernani Braga dirige o programa do vale do Rio Doce, com sede em Vitória. Quatro médicos americanos apenas estão agora adidos ao SESP, em comparação com os 14 que faziam parte da organização, anteriormente. Os médicos restantes



O exame de um doente no hospital do Instituto da SESP, em Belém. Vê-se à esq. o Dr. H. V. Markham, diretor do hospital, e à dir., o Dr. Carlos Leite

Nas áreas pantanosas do Amazonas e do Rio Doce emprega-se o querosene para exterminar os focos de larvas de mosquitos

A Sra. Agnes Wadell Chagas, viúva do famoso especialista brasileiro em doenças tropicais, mostrando às estudantes a maneira de fazer a cama

Pântanos como este, nos arredores de Belém, considerados perigosos focos de mosquitos, estão sendo eliminados graças ao Serviço Especial de Saúde Pública



Importantes trabalhos de engenharia sanitária foram realizados para drenar as águas de vastas áreas pantanosas





Um dos técnicos especialistas da SESP em Porto Velho, no Amazonas, fazendo a cultura de larvas para estudo dos seus vários estágios de desenvolvimento, no Instituto, em Belém. Em baixo: Enfermarias como esta existem atualmente em numerosos pontos de concentração de trabalhadores no vale do Amazonas



e quase 3.000 funcionários e trabalhadores no programa do SESP são brasileiros. Os médicos estão fazendo cursos especializados nos Estados Unidos, numa média de cinquenta anualmente, através de bolsas concedidas pelo Instituto de Assunto Interamericanos. As enfermeiras brasileiras estão sendo treinadas em Belém e em São Paulo, sendo de 50 o número de graduadas por ano, conquanto haja necessidade de muito mais. Concentrando suas atividades de acordo com a imediata demanda de materiais de guerra em 1942, o SESP cooperou com outras organizações do governo, no sentido de fornecer tratamento médico e demais recursos necessários aos seringueiros que partiam das áreas assoladas pelas secas do nordeste com destino aos seringais do Alto Amazonas. Nessa vasta área onde os rios constituem quase as únicas vias de comunicação e transporte, lanchas foram empregadas para a condução de médicos, enfermeiras e seus auxiliares — os guardas e as visitadoras — para as localidades mais isoladas ao longo da ribeirão dos rios e nas ilhas.

Pouco a pouco foram sendo estabelecidos os centros distritais, providos de pessoal médico necessário. A Fundação Rockefeller, que completou recentemente sua companhia para o exterminio do mosquito Gambiae, transmissor da malária, procedente da África, transferiu para o SESP um valioso grupo de trabalhadores treinados e numeroso equipamento.

Em agosto de 1942, o Instituto Evandro Chagas, de Belém, foi posto à disposição do SESP, e desde então tem expandido suas atividades, dispondo agora de um moderno hospital e de um centro de preparação técnica, além de excelente laboratório. Deve adicionar-se ainda outros hospitais, o de Santarém, o de Breves e o de Manáus. Há atualmente 30 distritos sanitários no vale do Amazonas, cada um com seu respectivo centro, equivalente a um departamento de saúde local. Alguns distritos têm dois centros e vários dispõem de sub-postos, nas localidades menores. A experiência tem indicado a conveniência de manter dois médicos em cada centro de distrito, um para atender a doentes e feridos, outros para se encarregar exclusivamente de medicina preventiva, dirigindo a campanha educacional em que se baseiam todos os trabalhos de saúde pública. Esses médicos, juntamente com os guardas e as visitadoras sob sua direção, constituem as forças de primeira linha na campanha contra a doença na região do Amazonas. Os guardas, perfeitamente preparados para o mister, mantêm constante inspeção dos focos de mosquitos. Esta tarefa é simplificada pelo fato de só existir uma espécie de mosquito transmissor do impudismo no Amazonas. Seus focos podem ser extintos por meio de drenagem e de tratamento com inseticidas especiais, cuja aplicação tem dado excelentes resultados.

O controle local do mosquito é um dos aspectos essenciais do programa. Verificou-se logo nos primeiros períodos dos trabalhos que seria impossível eliminar totalmente a malária, os parasitas intestinais e outros males existentes no vale do Amazonas. A solução prática seria concentrar o

saneamento nas localidades onde se reunissem os seringueiros e outros trabalhadores ocupados na indústria extrativa de óleos vegetais, etc. Nesses centros de população, os guardas poderiam trabalhar constantemente na eliminação dos focos de mosquitos e na construção de obras sanitárias, esgotos, encanamento de água potável e outros fatores da boa higiene. Alguns dos guardas estacionados nos postos afastados também aplicam inoculações e primeiros socorros, enquanto aguardam a chegada do médico. As visitadoras trabalham junto às famílias das referidas localidades, indagando do seu estado de saúde, providenciando para qualquer tratamento necessário e, sobretudo, insistindo na campanha de educação, disseminando conselhos e instruções sobre higiene alimentar, saneamento e demais conhecimentos indispensáveis.

Um dos aspectos mais importantes do programa é também a boa nutrição, porque a falta de alimentos apropriados debilita a resistência, expondo o trabalhador aos efeitos de doenças que ele poderia combater com pouca ou nenhuma assistência médica. Muito já se tem alcançado nesse particular, através de atividades cooperativas em matéria de alimentação, estabelecidas nas mesmas bases da organização sanitária. Os habitantes da região estão sendo orientados sobre a conveniência da boa nutrição básica e auxiliados a cultivar hortas para o seu próprio consumo. Esta fase, entretanto, demanda tempo, porque envolve mudanças de hábitos enraizados no decorrer de gerações. A educação é, mais uma vez, elemento essencial preparatório para novos meios de subsistência.

No programa geral de saúde pública a campanha educacional é aliás a coluna mestra. Levada a efeito principalmente pelos guardas e visitadoras, em seu contato pessoal com os habitantes, esse sistema tem sido o mais efetivo em seus resultados práticos. Dos métodos auxiliares constam os cartazes e filmes educativos.

Cada um dos 30 centros de distrito terá sua sede em edifício adequado, aparelhado de acordo com as suas necessidades. Algumas localidades onde estão sediados os distritos ofereceram edifícios para alojar os serviços, numa demonstração do seu desejo de participar no programa. Outras têm contribuído com os fundos necessários para a aquisição dos edifícios. O serviço da água está sendo instalado regularmente, assim como o de esgotos.

Em Belém apresenta-se agora uma das obras mais interessantes de engenharia sanitária, com a construção de diques que quase cercam a cidade. As enchentes no estuário do Amazonas e as chuvas periódicas, tornavam quase impossível a drenagem dos focos de mosquitos, dificultando assim o controle da malária. Para obviar os obstáculos, os engenheiros do SESP recorreram à construção de diques, sendo as águas da chuva drenadas por numerosos canais.

No Rio Doce

O vale do Rio Doce representa problemas diferentes de saneamento, mas nem por isso menos difíceis. A reconstrução da estrada de ferro que liga Vitória à zona de Itabira impunha-se como medida de urgência, a fim de atender aos grandes trabalhos de mineração considerados como parte vital do esforço de guerra. Na extensa área faz-se a extração não somente do minério de ferro, mas de cristais de rocha, mica e outros produtos essenciais. Atacar o conjunto das operações com numeroso pessoal envolvia medidas de segurança sanitária indispensáveis. O impudismo que grassava, desafiando esforços sem conta para debelá-lo, tinha que ser enfrentado com um programa também em grande escala para facilitar a extração dos produtos do sub-solo e valorizar permanentemente aquelas terras tradicionalmente reconhecidas como das mais ricas do Brasil.

Enquadrado o problema nas mesmas bases do problema amazônico, criou-se organização similar de saneamento e saúde pública, com seus centros em Governador Valadares, Colatina e Aimorés, e laboratórios em Governador e Vitória.

Outro programa subsidiário, operado unicamente durante a guerra, está em plena execução na zona da mineração de mica, em Minas Gerais e no Alto Goiás, a cargo do Dr. E. H. Payne, do SESP, que organizou o projeto sob os auspícios da Administração de Economia Estrangeira. Entregue a trabalhos de saneamento numa região onde algumas minas tinham sido abandonadas por causa das más condições de saúde, o Dr. Payne e seus auxiliares superaram tôdas as dificuldades e conseguiram organizar o controle da malária, melhorar as condições sanitárias e estabelecer um regime alimentar básico superior, com produtos locais. Em consequências dessas medidas decresceu consideravelmente o absentismo no trabalho das minas, aumentando a ansiada produção de materiais indispensáveis à causa dos aliados.

O auspicioso início dessas obras de saneamento é, para os médicos brasileiros que agora dirigem a SESP, o marco de um grande desenvolvimento na valorização de terras que encerram verdadeiros tesouros, na maior parte ainda inexplorados por falta de recursos sanitários adequados.



Em Vitória no Espírito Santo, jovens enfermeiras, ansiosas de colaborar no programa de saneamento, fazendo um curso de primeiros socorros. Em baixo: O Dr. Mario Lessa examinando um doente a bordo de um dos dispensários flutuantes no rio Amazonas. Todos os dispensários tem acomodações para dois médicos



O LAGO DE PÁTZCUARO



Pescadores da ilha de Janitzio aprestando-se para ir à pesca nas águas do lago de Pátzcuaro, onde se encontra o peixe "Blanco", de excelente sabor

DENTRE os pitorescos aspectos da terra mexicana nenhum excede em originalidade o altaneiro lago de Pátzcuaro, uma das extensões lacustres navegáveis mais altas do México, situada a 2.050 metros acima do nível do mar e a 450 quilômetros da capital do país. Pontilhado de ilhotas, esse tranquilo lago encerra uma próspera comunidade, tão antiga que os primeiros capítulos de sua história desaparecem na noite dos tempos. Sabe-se, entretanto, que há algumas centenas de anos os governantes do Império Tarasco estabeleceram sua residência de verão nas margens do lago, no povoado de Pátzcuaro. A pouca distância ficava Tzintzuntzan, rica capital do grande império, o segundo em importância, depois do império asteca, e que jamais foi por este conquistado. Tzintzuntzan está agora deserta, mas os habitantes de Pátzcuaro ainda se orgulham de sua descendência dos Tarascos.

Eles também vivem nas vinte e tantas vilas que tanto se destacam pela alvura de suas casas, povoações que se estendem pela orla do lago e pelas cinco ilhas principais. Depois da conquista espanhola, a região encontrou no venerando e venerado bispo D. Vasco de Quiroga um grande bemfeitor.

UM DOS MAIS PITORESCOS E ELEVADOS LAGOS NAVEGÁVEIS DO MÉXICO, CENTRO DE UMA PRÓS-PERA E ANTIQUÍSSIMA COMUNIDADE

Conta-se que até aos seus oitenta anos viajava ele em lombo de burro pela sua diocese de Michoacán, interessado em garantir-lhe a subsistência econômica e ajudando cada vila a escolher o seu santo padroeiro e a sua própria indústria. E assim, até hoje, uma das vilas insulares, a de Janitzio, se dedica à pesca. No cenário local predominam as redes de pescar, secando ao sol, pendentes das vigas que se alongam dos telhados. Em pirogas construídas de troncos de árvores, usando pesados remos de pás redondas, os pescadores percorrem as águas algasas e pouco profundas do Pátzcuaro, em busca do "blanco", pequeno peixe famoso pelo seu delicioso sabor.

Jarácuaro, outra vila insular, com sua nova escola construída na fímbria da povoação, impõe-se pela sua indústria chapeleira. Chapéus e outros artigos manufaturados nas demais povoações lacustres são expostos à venda na Plaza Grande, na vila de Pátzcuaro. Há sempre uma interessante variedade de produtos típicos da região — pescado de Janitzio, chapéus de Jarácuaro, chúcaras e bateias de Uruapán e sarapes de elaborado desenho, vivazes no colorido rubro-negro, todos objetos típicos da arte mexicana.

BERTHA LUTZ

EXPOENTE DA MENTALIDADE BRASILEIRA

HÁ anos passados, uma jovem brasileira e uma senhora norte-americana a quem ela fôra visitar passeavam vagarosamente à margem de um córrego, discutindo com especial interesse os problemas do mundo. De repente, a jovem interrompeu uma frase, inclinou-se sobre a ribanceira e permaneceu imóvel. Em seguida, meteu a mão nágua e tirou — um sapo!

"E' uma espécie que ainda não tinha visto!" — exclamou ela, com intensa satisfação. "Vou mandar para papai, em São Paulo. Ele vai ficar radiante!" Papai era o Dr. Adolfo Lutz, famoso cientista brasileiro.

Sua filha, Bertha Lutz, já estava então devotando sua vida a vários e importantes estudos, desde mosquitos e sapos até os problemas concernentes à mulher. Interessava-se em saber a razão por que não poderiam as mulheres atingir as culminâncias profissionais, como a de seu pai. Sua mãe, Amy Fowler Lutz, além de dedicar-se aos afazeres caseiros e da família encontrara tempo para uma carreira pública das mais distintas. A jovem Bertha sonhava alcançar também um grande êxito. Tendo se dedicado com afinco ao estudo de direito e de ciências, já estava com um bom comêço. Não tardou em fazer concurso para a secretaria do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tornando-se a segunda mulher a ocupar um cargo público de responsabilidade no Brasil. Quando foi organizada a Conferência Panamericana da Mulher, em 1922, Bertha Lutz foi escolhida para representar o Brasil, em sua reunião em Baltimore, em 1922.

Assim, aos 28 anos, visitou os Estados Unidos pela primeira vez, hospedando-se em casa de Carrie Chapman Catt, mais velha 35 anos, e uma das grandes líderes femininas norte-americanas. Foi nessa ocasião que ocorreu o interessante incidente do sapo, fato que iria permanecer vivo na lembrança de ambas.

Em sua vida de grandes empreendimentos e atividades, as duas ilustres mulheres iriam encontrar-se novamente, por força de circunstâncias que rodeavam o trabalho de ambas. A Sra. Catt visitou as outras repúblicas americanas, descrevendo a vida de trabalho da mulher norte-americana em numerosas funções públicas de destaque. Enquanto isto, Bertha Lutz prosseguia em seus estudos e trabalhos científicos, em sua pátria e no estrangeiro.

No Museu Nacional, foi promovida ao posto que ora exerce, de chefe da seção de História Natural e Geologia. Ansiosa de encorajar outras mulheres a participarem das responsabilidades públicas, organizou a Federação Brasileira pelo Progresso da Mulher. Representou sua pátria na Conferência Internacional da Mulher, efetuada em Roma, em 1923; na Conferência Panamericana da Mulher, realizada em Wash-

ington, em 1925; numa reunião em Berlim, em 1929, e, em dezembro de 1933, na Sétima Conferência Panamericana, em Montevideo.

Eleita para a Câmara dos Deputados de sua pátria, muito contribuiu para a passagem de legislação referente às mães e ao trabalho de menores. Serviu também na comissão da Liga das Nações sobre as condições do trabalho da mulher.

Suas atividades no terreno dos problemas trabalhistas motivaram a sua indicação para representar o Brasil numa outra conferência — a do Escritório Internacional do Trabalho, que se efetuou em Filadélfia. Devido a razões profissionais e sentimentais, essa última visita aos Estados Unidos iria ser um dos maiores marcos da sua brilhante carreira.

Terminada a conferência, visitou os famosos museus de Filadélfia, Boston e Nova York e o da Instituição Smithsonian, de Washington, para estudos e conferências. Seu renome, como autoridade em assuntos científicos, já a tinha precedido nos grandes centros de pesquisa e estudos.

Sua ação pró-paz

Mas para a distinta Sra. Catt, alta e erecta a despeito dos seus 85 anos, Bertha Lutz era uma velha amiga. E encontraram-se novamente, relembrando alegremente o incidente ocorrido há 22 anos. Agora também tinham muito que falar, trocar idéias. Ambas tinham viajado muito, urgindo as nações do mundo a se esforçarem por uma paz permanente.

Uma das líderes femininas de maior destaque internacional, Bertha Lutz tem grangeado, nos Estados Unidos, vasto e merecido prestígio e admiração. Durante o verão passado numerosas associações femininas norte-americanas mostraram-se vivamente interessadas em ouvi-la na sua palavra culta e autorizada sobre os momentosos problemas internacionais. Por ocasião de um almôço que lhe foi oferecido pela Comissão do Mandato Popular pró-paz Interamericana, afirmou ela:

"E' perfeitamente humano esperar que uma guerra mundial nos traga uma era de paz e prosperidade, mas é absurdo. Deveremos nos contentar se, ao fim desta guerra mais terrível de todas, pudermos estabelecer um sistema que seja justo e praticável, pois assim teremos a porta aberta para maiores progressos. A ciência está praticamente reduzindo as dimensões da terra, proporcionando-nos assim uma oportunidade para a solução de todos os velhos males mundiais. Grupos ativos de nações, como as repúblicas do Novo Mundo, o Canadá e as demais nações da Comunhão Britânica, são boas bases para sólidas edificações internacionais. Devemos aproveitá-las em todos os sentidos. E em toda essa grande obra, a mulher deve participar com os seus valiosos esforços."



Filha ilustre de um pai ilustre, Bertha Lutz, dedicada ao bem da humanidade, é uma das cientistas mais eminentes do Brasil



PARA A INFÂNCIA—UM MELHOR FUTURO

NOS últimos trinta anos a leitura mais popular entre 16.000.000 de mães nos Estados Unidos tem sido um panfleto intitulado "Os cuidados com a criança."

Publicado pelo Bureau Infantil do Departamento do Trabalho, este panfleto tem conservado sua atualidade através de freqüentes revisões, sendo distribuído gratuitamente numa média de um milhão de exemplares por ano. E desde que foi traduzido para o português, espanhol e francês, no ano passado, 65.000 exemplares já foram distribuídos pelas embaixadas e consulados dos Estados Unidos nas outras repúblicas americanas.

"Os cuidados com a criança" é apenas uma dentre as muitas publicações a cargo do Bureau, em cuja série se destacam outras duas—"Os cuidados pre-natais" e "A criança, de um a seis anos." Tais publicações, entretanto, constituem uma parte relativamente pequena dos serviços dessa repartição oficial.

Importante tem sido a sua contribuição para restringir o trabalho infantil, melhorar os cuidados com as mães e filhinhos, ajudar as crianças aleijadas e desvalidas, e reduzir a delinquência juvenil, mas para o público em geral o serviço que está mais ligado ao Bureau é o auxílio que presta às mães desejosas de se orientarem na educação dos filhos.

O Bureau foi criado por lei do Congresso em 1912 "para investigar e informar a respeito de assuntos relativos ao bem-estar das crianças e da vida infantil em todas as camadas sociais." Miss Julia Lathrop, sua primeira diretora, considerou que uma das melhores maneiras de ajudar as crianças seria educar as mães nas normas mais adequadas de cuidar dos filhos.

Logo de início muitas cartas eram dirigidas por mães ansiosas que não sabiam bem o nome da nova repartição, mas estavam interessadas em obter informações. Dizia uma:

"Minha mãe já morreu e meus vizinhos ficam muito distantes. Tenho dezoito anos e espero o meu primeiro filhinho. Como é que se segura à criança para dar-lhe o banho? Quantas peças de roupas devo comprar? Se não tiver leite bastante, que devo dar à criança? Quando deverá ela ser desmamada?"

Outra escrevia: "Moro a léguas de distância de um médico. Pode me informar que devo fazer quando o bebê tiver convulsões ou no caso de engulir um alfinete de fralda?"

Valiosas informações

A Sra. Max West, funcionária do Bureau e mãe de cinco filhos, preparou então um pequeno livro contendo informações práticas destinadas às mães. Uma comissão de médicos especialistas em higiene infantil e moléstias das crianças foi organizada para completar o trabalho com os seus conhecimentos profissionais. E assim veio à luz "Os cuidados com a criança", em 1914. Desde então, seis edições, revistas e melhoradas, foram publicadas com a colaboração de numerosos funcionários especialistas, que também

se incumbem da preparação de boletins, sempre sob a orientação de uma comissão de reconhecidos pediatras. E em 1943, conquanto a correspondência do Bureau houvesse aumentado consideravelmente, nove décimos do total das cartas recebidas se referiam a pedidos de publicações, principalmente dos boletins destinados aos pais.

Em seus 32 anos de existência, o Bureau tem feito estudos de quase todos os aspectos da vida infantil, conseguindo despertar na consciência pública o interesse vital pelo bem-estar da criança em todos os sentidos. Tem servido como um centro de intercâmbio de informações sobre as atividades no país inteiro em matéria concernente à infância: legislação estadual, registro civil e detalhes que se estendem até os problemas do trabalho de menores e educação ele-

mentar e profissional em todos os Estados. Nêstes últimos anos, o Congresso tem aumentado os encargos do Bureau, incumbindo-o não somente do estudo e publicidade de fatos sobre a criança, mas também da fiscalização do uso das verbas concedidas aos Estados pelo governo federal, num total, este ano, de 54 milhões de dólares, para o programa de zelar pela saúde de mães e recém-nascidos, atender às crianças aleijadas e ao bem-estar geral da infância, além do pagamento de despesas hospitalares e demais cuidados com as parturientes cujos maridos estão servindo nas forças armadas.

À testa do Bureau acha-se agora Miss Katharine Lenroot, que desde 1914 vem dedicando seus esforços nos múltiplos trabalhos da repartição, tendo exercido respectivamente os lugares de

(Continua)

Katharine Lenroot, funcionária do Bureau desde 1914, e sua diretora desde 1934, já serviu como assistente de diretora da divisão do serviço social, diretora da divisão editorial e assistente-chefe da diretora



O Bureau Infantil tem três encargos específicos: zelar pela a saúde de mães e filhos, expandir os serviços sociais e melhorar o trabalho de menores

Um dos mais importantes aspectos do programa sanitário do Bureau é a inoculação das crianças contra a febre tifoide e outras doenças



Por meio de profusa literatura dietética, o Bureau populariza os conhecimentos sobre o melhor regime alimentar infantil, no lar, nas escolas e nas "creches" dos Estados Unidos





Nas escolas dos EE.UU., atualmente, os alunos não somente estudam e aprendem a fazer bons amigos, mas também encontram um excelente almoço

investigadora, assistente do diretor da divisão do serviço social, diretora da divisão editorial, assistente-chefe e finalmente diretora, nomeada pelo Presidente Roosevelt, em 1934.

Antes de entrar para o Bureau, fazia parte, no Estado de Wisconsin, da comissão industrial encarregada de inspecionar fábricas e habitações coletivas. Miss Lenroot é filha do falecido senador Irvine L. Lenroot, de Wisconsin, tendo feito seus estudos na universidade do Estado, onde se graduou.

Sob sua direção, o Bureau tem estendido suas atividades no campo da cooperação internacional, particularmente com relação às demais nações da América. Foi uma das delegadas dos Estados Unidos ao Quarto Congresso Panamericano da Criança, efetuado no Chile, há 20 anos, e desde então tem se mantido informada acerca das atividades relativas à higiene e saúde infantil nos países americanos. Em 1942 foi presidente do congresso reunido em Washington.

No Bureau foi criada recentemente uma seção interamericana, chefiada pela Sra. Elizabeth Enochs, que tem viajado extensivamente pelas demais repúblicas do hemisfério. Foram criadas bolsas para estudantes da América Central e do Sul, a fim de fazerem cursos especializados de assistência social nos Estados Unidos, e para estudantes norte-americanos, reciprocamente. Com recursos supridos pelo Departamento de Estado, o Bureau dispõe dos serviços de um pediatra, de um especialista em nutrição, de três especialistas em assistência social infantil e duas enfermeiras graduadas para atender ao pedido de governos das outras repúblicas americanas interessadas na organização de trabalhos de proteção e assistência à infância.

As atividades regulares do Bureau enquadram-se em três setores principais: saúde maternal e infantil, assistência social e trabalho de menores. A diretora do Bureau compete também a distribuição das verbas destinadas aos Estados, além da direção dos serviços especializados de assistência médica, de enfermagem, assistência social e de nutrição. Ao sub-diretor estão entregues os encargos de pesquisa e

orientação no serviço de saúde maternal e infantil, e a preparação dos boletins destinados aos pais. Investigações feitas sobre a mortalidade infantil convenceram os especialistas do Bureau de que as causas eram frequentemente determinadas por condições existentes no período prenatal, ou por doença ou morte da gestante depois do parto. Em 1921, o governo federal iniciou o sistema de auxílio aos governos estaduais, serviço que foi expandido em 1935, e compreende a enfermagem especializada, educação sobre as condições prenatais e saúde infantil, fiscalização de parteiras e ensinamentos sobre os cuidados maternos e infantis. Atualmente, a média da mortalidade infantil, por ano, é de menos de metade do que era em 1915, e o número de mulheres que morrem de parto é também menos de metade.

Pela sã maternidade

A campanha em prol da sã maternidade continua, porém, bastante generalizada, visando eliminar ou reduzir, por meio da educação médico-preventiva e do auxílio direto, os perigos do parto e garantir à gestante os cuidados que lhe permitam manter-se nas melhores condições físicas. O número de organizações públicas e particulares que cooperam nesse sentido já representa uma segurança de que a ação se estende a todas as camadas sociais, inspirando a



Depois das aulas, as crianças não vão mais brincar nas ruas, arriscando a vida. Há numerosos locais de recreio apropriados e os programas de atletismo

confiança nos métodos aconselhados pela ciência e relagando para plano inferior várias interpretações condenáveis, produto da ignorância. As estatísticas expressam contínua e crescentemente o valor dessa campanha, ressaltando animadoramente o decréscimo da mortalidade infantil, sobretudo durante o período da primeira infância, a exigir sempre os maiores cuidados.

Ainda com o auxílio do governo federal aos Estados, no ano transato, 112.916 crianças aleijadas receberam tratamento grátis nos hospitais e clínicas. A divisão sanitária também dirige a execução do programa de emergência que, até primeiro de agosto último, já tinha atendido a 440.703 esposas e filhos de combatentes. Mais de 44.000 casos são registrados mensalmente.

Outros serviços destinam-se a remediar as necessidades de crianças incapacitadas e malajustadas e dos filhos cujas mães trabalham. O Bureau, por outro lado, ajuda a salvaguardar contra o excesso no trabalho de menores, esforçando-se por todos os meios ao seu alcance para disseminar conhecimentos de saúde e intensificar a educação.

Segundo o princípio geral adotado, o bureau federal se encarrega de fazer os estudos, de estabelecer as boas normas e fornecer os técnicos necessários, enquanto que os Estados, através de suas organizações de assistência pública social operam as clínicas, fazem o pagamento devido aos hospitais e mantêm um serviço de enfermeiras visitadoras que se estende às zonas mais remotas. Este ano, o Bureau encarregou-se da aplicação de uma verba de 54 milhões de dólares.

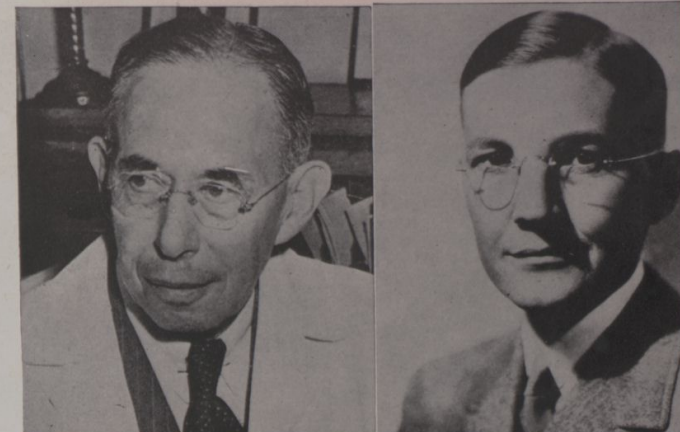
Mas graças às suas atividades, não têm faltado assistência a parturiente alguma, nem tratamento especializado a todas as crianças.

As esposas dos combatentes, o Bureau têm prestado serviços notáveis, pois se mantêm em constante contato com todos os casos.

Há, por exemplo, o recente caso ocorrido em Nova York, onde a jovem mulher de um soldado deu à luz a três gêmeos, cercada de todos os cuidados que lhe proporcionou o Bureau, assim que seus diretores souberam que a jovem mãe necessitava de urgentes recursos.

PREMIADOS POR SUA CONTRIBUIÇÃO À CIÊNCIA

QUATRO NOTÁVEIS CIENTISTAS RECEBEM O PRÊMIO NOBEL POR SEUS IMPORTANTES ESTUDOS SOBRE NEUROLOGIA E VITAMINAS



Os distinguidos com o Prêmio Nobel de Fisiologia: Dr. J. Erlanger (à esq.), fisiólogo da Universidade de Washington, de St. Louis, Missouri, e Dr. H. Gasser (à dir.), diretor do Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas, de N. Y.

QUATRO cientistas de países em guerra receberam prêmios Nobel por suas contribuições em benefício da humanidade. Os prêmios — um de 1943, outro de 1944 — foram concedidos simultaneamente. O de 1944 foi recebido pelos Drs. Joseph Erlanger e Herbert S. Gasser, por seus trabalhos em neurologia. O Dr. Erlanger é professor catedrático de fisiologia da Universidade de Washington, em St. Louis, Missouri. O Dr. Gasser é chefe do Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas, de Nova York. Os estudos por eles realizados contribuíram para aprofundar consideravelmente a penetração da ciência médica nos recônditos misteriosos do sistema nervoso.

Há um século, graças ao aperfeiçoamento do galvanômetro, descobriu-se que os nervos eram capazes de gerar minúsculos impulsos elétricos, mas a falta de aparelhos de extrema sensibilidade impedia que se medisse acuradamente a intensidade dos impulsos. O conhecimento dos elétrons veio permitir a construção da válvula de ampliação no vácuo e do oscilógrafo de raios catódicos, com os quais é possível observar perfeitamente o funcionamento dos nervos. Os Drs. Erlanger e Gasser desde 1921 vêm fazendo estudos conjuntamente, empregando uma técnica direta e engenhosa. Tendo conseguido conservar vivos os nervos de alguns animais, numa solução salina, fizeram a ligação dos mesmos ao medidor eletrônico, por meio de arames extremamente finos.

De nervos a vitaminas

Era sabido que a textura dos nervos consistia de feixes de fibras microscópicas, de diferentes diâmetros; mas os pesquisadores descobriram que cada fibra envia impulsos a velocidades diferentes, sendo as de maior diâmetro de transmissão mais rápida, como órgãos do movimento, ao passo que as de diâmetro menor são mais lentas, transmitindo a sensação de dor. Os estudos estenderam-se a outros ramos da neurofisiologia, tais como o das chamadas ondas cerebrais, que, segundo os cientistas, talvez ainda cheguem a um ponto de desenvolvimento que torne possível "lêr o pensamento." O prêmio Nobel de 1943 coube aos Drs. Henrik Dam e Edward A. Doisy, o primeiro por haver isolado uma vitamina, e o segundo por haver produzido sinteticamente a mesma vitamina para ser utilizada na medicina. O Dr. Dam descobriu, há dez anos, quando trabalhava no laboratório do Instituto Bioquímico de Copenhague, que os pintos submetidos a certa alimentação restrita sofriam de hemorragias internas. Interessou-se em averiguar a causa, e ao fazer a prova com uma alimentação completamente diferente, rica em cereais e sementes, a hemorragia cedeu e os galináceos melhoraram logo.

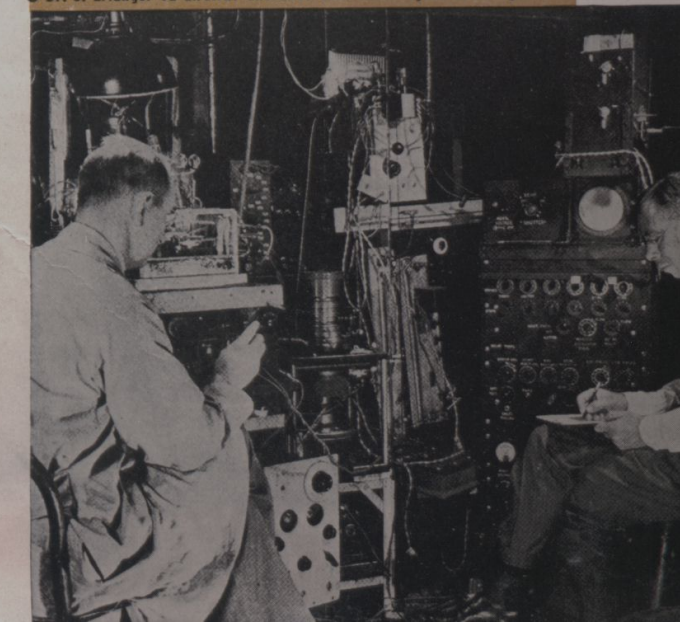
Idêntico resultado foi obtido em experiências humanas, através de uma dieta composta de alface e peixe em pó. Ao constatar os resultados, o Dr. Dam concluiu que os cereais e as sementes contêm propriedades que restauram no sangue a sua coagulação normal. Essas propriedades da referida vitamina foram caracterizadas pelo Dr. Dam com a letra K. E', pois, uma descoberta de grandes repercussões.

Quando os nazistas invadiram a Dinamarca, o Dr. Dam viu-se forçado a abandonar suas pesquisas e sua cátedra na universidade. Veiu para os Estados Unidos, onde reassumiu seus trabalhos na Escola de Medicina da Universidade de Rochester, em Nova York. Conquanto os cientistas norte-americanos tudo fizessem para impulsionar a descoberta do incalculável colega dinamarquês, permanecia o problema de colocar a nova vita-

mina ao alcance do público. Foi a este mister que se dedicou o Dr. Doisy, da Universidade de Washington, em St. Louis. Com a colaboração de vários colegas, conseguiu isolar dois elementos: um, que denominou K-1, derivado da alface, outro, K-2, extraído do pescado em decomposição. Com a combinação dos dois elementos pôde produzir sinteticamente a vitamina K, produto puro, administrado em pílulas ou em injeções hipodérmicas. Os cientistas, porém, advertem que a vitamina K não cura a hemofilia, doença geralmente hereditária, que produz a hemorragia por falta de coagulação do sangue.

Todo organismo normal está provido de suficiente vitamina K, mas, as pessoas que sofrem de tumores ou de cálculos hepáticos ressentem-se da sua deficiência, porque tais perturbações patológicas obstruem o fluxo dos sucos digestivos para o intestino. Isto, por sua vez, impede que o tubo digestivo absorva dos alimentos ingeridos a quantidade necessária de vitamina K. Os doentes de icterícia estão expostos a hemorragias abundantes e correm grave perigo quando se submetem a operações cirúrgicas.

O Dr. J. Erlanger (à direita) anotando suas observações neurológicas



A NECESSIDADE DA REHABILITAÇÃO DEPOIS DA GUERRA



Assediadas pelo dor, pela fome e pelas doenças, durante cinco longos anos, as crianças da Europa necessitam de todo auxílio material e espiritual

UMA TAREFA HUMANITÁRIA GIGANTESCA, DE PROPORÇÕES SEM PRECEDENTE NA HISTÓRIA

As contínuas vitórias das armas aliadas trazem também para as Nações Unidas a tarefa humanitária mais gigantesca na história do mundo. É a grande obra de reparar, o mais possível, os incalculáveis danos causados pela opressão nazista. São danos sofridos por milhões de habitantes das áreas devastadas, compelidos a abandonar seus lares e seus haveres sob as mais prementes circunstâncias. Grandes massas desses infelizes encontram-se agora na mais extrema miséria, curtindo fome; outros ressentem-se de completa falta de roupas, e inúmeros estão doentes ou completamente depauperados fisicamente.

Salvar esses milhões de desventurados é a responsabilidade que ora se apresenta à Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas, responsabilidade que mais se impõe à medida que as forças aliadas vão libertando novas regiões. Os múltiplos problemas antevistos pela Administração foram analisados recentemente durante uma das reuniões da organização, em Montreal, na qual foi indicado o Dr. Eduardo Santos, ex-presidente da República de Colômbia, para chefiar a missão encarregada de esclarecer tais problemas aos povos das repúblicas americanas.

"As nações da América devem cooperar para socorrer as vítimas da guerra," declarou o Dr. Santos, ao assumir seu encargo, "não na esperança de benefícios em retribuição, mas por simples espírito de humanidade, sobretudo quando cogitamos de ser parte integrante da primeira organização mundial a ser estabelecida depois da guerra."

A Administração de Socorro e Reabilitação foi oficialmente organizada em novembro de 1943, sendo composta de delegados de 44 nações. Destinada a socorrer os flagelados da guerra, suas atividades já estão se estendendo a grandes áreas das nações libertadas da opressão nazista, a Itália, a França, Bélgica, Holanda, Polônia e Rússia. As forças militares das Nações Unidas têm feito a distribuição de alimentos e medicamentos nos territórios recentemente livres do inimigo, enquanto que a Administração de Socorro pretende, sempre que lhe for pedido, suplementar ou acompanhar as forças militares com um suprimento de roupas, sementes e equipamento necessário para ajudar a restaurar na vida normal as popu-



Apesar de terem os alemães destruído seus lares, em sua retirada para o Reno, as crianças, livres da opressão nazista, finalmente respiram o ar da liberdade

Membros da missão indicada pela Administração de Socorro e Reabilitação para recorrer aos países latino-americanos. Da esq. para a dir.: L. Swenson; L. Duggan dos Estados Unidos; Dr. Eduardo Santos, ex-presidente da Colômbia e chefe da missão; Alexander Argyropoulos, da Grécia e Carlos García Palacios, do Chile





Foi iniciada na Grécia a grande obra de reabilitação. Milhares de toneladas de víveres continuam a caminho do país afim de socorrer os necessitados



O povo chinês, ainda sob a tremenda pressão da ocupação japonesa de novas áreas, mantém-se estoicamente lutando pela liberdade

lações devastadas. O amparo a grandes massas de população na Europa e na Ásia encerra um trabalho de extrema complexidade, mas constitui indubitavelmente o maior indicio do que é preciso fazer para tornar a produtividade as regiões assoladas pelo exterminio da guerra. Vão de 20 a 30 milhões o total de habitantes da Europa obrigados a abandonar seus lares por causa da guerra ou em virtude da política de perseguição e de terror desencadeada pelo nazismo.

Há na Alemanha quase oito milhões de trabalhadores, verdadeiros escravos, arrancados à força às nações dominadas pelos nazistas. Há ainda refugiados aos milhares, que abandonaram suas terras ao se aproximarem as devastadoras tropas alemãs. E também aqueles que foram obrigados pelos nazistas a transmigrar em massa, na França e na Polônia.

Dessa tremenda confusão resultou toda série de misérias, de doenças, de extremas necessidades pessoais, sem contar o descalabro nas fontes de recursos alimentares e nas vias de comunicações.

Espera-se que, na China, a necessidade de socorros seja ainda maior do que a constatada em toda a Europa. Grandes massas de humanidade têm fugido, na China, em direção ao ocidente, para escapar aos horrores da dominação japonesa. O prolongado período de guerra que tanto tem afligido os chineses cerrou, com o bloqueio, todas as entradas de mercadorias manufaturadas, tendo sido logo esgotados os estoques existentes no país. A carência de gêneros alimentícios é extrema. Com 94 por cento dos fusos nas mãos dos japoneses, a indústria chinesa de tecidos está desaparecendo rapidamente. A para restaurar os meios de transporte, torna-se necessário fornecer pequenos motores, caminhões e equipamento ferroviário em considerável quantidade.

Segundo os planos da Administração de Socorro, a grande tarefa de reabilitação de toda essa desventurada gente será executada de duas maneiras: pelo reestabelecimento das populações transmigradas e pelo auxílio direto para restaurar a vida de cada um. A Administração se encarregará do retorno dos refugiados, proporcionando-lhes os recursos necessários e tomando todas as precauções de ordem sanitária onde houver aglomerações que possam pôr em risco a saúde pública. Conquanto a Administração fosse criada essencialmente para socorrer os nacionais dos países invadidos, o Conselho já concordou em prestar assistência aos refugiados ou aos nacionais perseguidos de países que eram antes inimigos, e que se acham exilados em território das Nações Unidas e não tenham meios para regressar às suas terras.

Socorro e repatriação

Esta humanitária medida foi aprovada unanimemente, com relação à Itália, mesmo pelos delegados das nações que tanto sofreram sob a dominação italiana. Os delegados, na reunião de Montreal, aprovaram uma verba de 50 milhões de dólares especialmente destinada a socorros médicos e medicamentos e auxílio às crianças e às mães. Foi igualmente aprovada a repatriação de todos os italianos deslocados de suas respectivas terras. Com o fim de premunir contra a possibilidade de epidemias, durante a movimentação de grandes massas humanas, a organização de so-

côro pedirá a todos os governos signatários informes imediatos sobre qualquer ocorrência de moléstias infecto-contagiosas. Grandes pontos de concentração já estão sendo organizados para se proceder à identificação dos refugiados, seu exame médico e vacinação, depois de serem registrados para a repatriação mais depressa possível.

Enquanto perdurarem as hostilidades, o fornecimento de comestíveis, roupas, etc., e assistência médica aos refugiados que se encontram nas zonas devastadas representa natural dificuldade, pois os exércitos aliados estão a exigir quantidades colossais de provisões, e tais necessidades militares têm prioridade. Em matéria de roupas, por exemplo, mais de 25 por cento dos tecidos fabricados nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Canadá destinam-se às forças armadas, o mesmo acontecendo com a fabricação de calçado. Não obstante, a Administração está auxiliando quase 50.000 gregos e iugoslavos que se refugiaram na África do Norte, no Egito e na Ásia Menor. Dentro em breve terá seus escritórios em Chungking, capital da China e em Sydney, capital da Austrália, já tendo começado seus trabalhos na Grécia e na Albânia. A seguir serão iniciadas suas atividades na Itália e na Polônia. Breve, a organização deverá estar preparada para ajudar os governos restaurados a socorrer os enfermos, distribuir alimentos e cuidar da produção agrícola nas terras libertadas.

A contribuição Brasileira

Muitos gêneros alimentícios de grande urgência para essa vasta obra humanitária não são encontrados atualmente em grande quantidade. Açúcar, gorduras, carnes e certos artigos manufaturados, como vestuário e outros, estão na lista de produtos escassos. Várias campanhas efetuadas nos Estados Unidos, como a levada a efeito recentemente por organizações religiosas para angariar 7 milhões de quilos de roupas usadas, suplementam com grande resultado os trabalhos da Administração.

O delegado do Brasil na Administração, Sr. Cyro de Freitas Vale, expressou na sessão final da segunda reunião, efetuada em Montreal, o entusiasmo sentido por seu país em relação ao empreendimento. Suas palavras refletem um sentir que é extensivo a todas as nações americanas. Acentuou que os brasileiros apoiam de todo coração o plano, e concluiu afirmando: "Depois de participar nesta reunião abrigamos a maior confiança nos resultados que decorrerão do esplêndido esforço feito atualmente, que bem constitui um exemplo sem igual para a história."

Ao anunciar que o Brasil contribuiria com trinta milhões de dólares para a obra em vista, acrescentou: "Estamos todos certos de que a Administração transformará em fatos as nossas esperanças."

A Administração de Socorro calcula dispendir em seus meritórios labores a soma de um bilhão de dólares, durante o ano de 1945, ou seja a metade do total dos fundos que espera angariar. Seu propósito é empregar os recursos disponíveis com meticulosa atenção, examinando cada caso em espécie. Seu pessoal será em número mais reduzido do possível, e as despesas de administração não excederão de um por cento da soma total que espera inverter para realizar a humanitária obra de socorrer tantos desvalidos, vítimas indefesas desta guerra.



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capa e contra-capas, respectivamente, obsequio do Look Magazine e Acme; capa e contra-capas posterior, respectivamente, Harris & Ewing e Acme. Páginas interiores, 1, 2, PA, 3, Int., Acme, 4, 5, PA, 6, PA, Acme, 7, PA, 8, Frederic Lewis, Harris & Ewing, 9, Paul Parry, de Schostal, Wm., respectivamente, 10, Acme, PA, 11, Acme, 12, PA, Farm Security Administration, 13, H. & E., PA, 14, Montmeyer, Federal Works Agency, PA, 15, Alan Fischer (CIA), 16, Acme, Langley, de FPG, 17, Acme, PA, 18, Acme, 19, Int., 20, 21, Walt Disney, 22, PA, 24, E. C. Burton, 25, G. W. Ackerman, 26, 27, Acme, 28, CAI, 29, 30, 31, Alan Fischer (CAI), 32, Times-Herald, H. & E., 33, Acme, 34, U.S. Children Bureau, F. S. A., PA, 35, Int., 36, Acme, PA, 37, Int., obsequio do Life Magazine, copyright Time, Inc. 1944, 38, Acme, 39, Int., CAI, 40, Int., United Nations Information Office.

Um trabalhador italiano mostrando a seus jovens compatriotas o trigo fornecido pela Comissão Aliada de Contrôl, do governo militar aliado →